

---

# Estudo preliminar da pedreira romana e outros vestígios identificados no sítio arqueológico de Colaride

CATARINA COELHO<sup>1</sup>

**R E S U M O** Apresentam-se os resultados da intervenção de emergência realizada, durante o Inverno de 1998, no sítio arqueológico de Colaride, em Sintra, na sequência dos trabalhos de implantação da Rede Primária de Gás Natural. Para além do registo de diversas estruturas tipológica e cronologicamente díspares – concretamente uma conduta e um conjunto de fossas escavadas na rocha de base –, destaca-se a identificação de uma pedreira explorada a céu aberto durante a ocupação romana de Colaride, bem como do telheiro que lhe estava associado, para trabalho da matéria-prima então recolhida.

**A B S T R A C T** This article presents the results of emergency fieldwork carried out during the winter of 1998 at the archaeological site of Colaride, in Sintra, in association with the installation of the Primary Line of Natural Gas. In addition to the registry of diverse typological and chronologically disparate structures – specifically a canal and a group of pits excavated in the bedrock, we highlight the identification of an open-air quarry exploited during the Roman occupation of Colaride as well as a tile factory with which it was associated.

## 1. Implantação

A estação arqueológica denominada por Colaride/Rocanes localiza-se na freguesia de Agualva, concelho de Sintra. Ocupa uma área com dimensões assinaláveis, desenvolvendo-se num esporão, cuja plataforma se estende entre dois pequenos cabeços com 205 m e 192 m, respectivamente – alcançando uma altitude média entre os 193 m e os 184 m – controlando, desta forma, a paisagem envolvente, com excelente visibilidade, nomeadamente a sul, para a Ribeira dos Ossos. A totalidade da área em análise, compreende nos seus limites setentrional e meridional as seguintes coordenadas: 29SMC749911 - 29SMC759911 e 29SMC749905 - 29SMC753905.

A área arqueológica de Colaride, propriamente dita, estende-se para norte do moinho velho de Rocanes, numa extensão aplanada com cerca de 22 000 m<sup>2</sup>. Para sul encontramos a zona de Rocanes que abrange uma vasta área com aproximadamente 99 200 m<sup>2</sup>.



**Fig. 1** Localização do sítio arqueológico de Colaride no actual território português e na *Carta Militar de Portugal*, Fls 416 e 430, ed. 1992.

## 2. História das investigações sobre as ocupações humanas de Colaride

A primeira notícia acerca deste sítio arqueológico surge, ainda, nos finais do século XIX, através do geólogo Carlos Ribeiro que, em 1880, registou o aparecimento de instrumentos de sílex, pertencentes ao que ele identificou como quatro oficinas de talhe. A sua formação académica permitiu-lhe, então, observar que a matéria-prima utilizada na execução dos referidos instrumentos líticos provinha do mesmo local onde estes tinham sido recolhidos, já que era

possível ver “(...) a descoberto o andar de calcáreo de Rudistas de formação cretácea que encerra a sílex (...), [estando] os indícios destas oficinas patentes (...) nos rebotalhos de instrumentos por acabar e que denunciavam o lugar da officina.” (Ribeiro, 1880, p. 73). No decorrer de trabalhos agrícolas levados a cabo, em 1898, no Casal de Colaride, foram postos a descoberto quer os vestígios da necrópole visigótica, quer a entrada da gruta natural ali existente: “descobriu-se também uma escada que parece dar acesso a uma galeria subterrânea.” (*Gazeta de Sintra*, 1898, p. 2). O interesse demonstrado pela estação arqueológica de Colaride/Rocanes veio a ser confirmado pela constante deslocação àquele local de vários especialistas. Assim, em 1915, o geólogo Paul Choffat visita o sítio, onde recolhe o conhecido molde de foice, que desde então ficou depositado e conservado no Museu Nacional de Arqueologia. O achado deste objecto foi considerado de extrema importância por toda a comunidade científica, uma vez que se tratava do primeiro molde do tipo, até então, encontrado no actual território português: “C’était ce qui manquait pour que nous puissions affirmer l’existence de la métallurgie préhistorique du bronze en Portugal; l’objet (...) est donc précieux aux point de vue de notre archéologie” (Fontes, 1916, p. 340).

Na viragem do século XIX para a centúria seguinte estavam, assim, identificadas as várias ocupações humanas registadas nesta estação arqueológica.

O aparecimento à superfície, já na década de 70 do século XX, de materiais romanos, essencialmente cerâmicos e de construção, levou à identificação de um núcleo de *habitat* no mesmo local, Colaride, enriquecendo, desta forma, o conhecimento até então obtido acerca deste sítio arqueológico. Confirmava-se, pois, a observação feita por Leite de Vasconcellos aquando da recolha de argamassa romana e de objectos de bronze no interior da gruta próxima.

Explicitemos, então, pormenorizadamente cada uma das realidades observadas em Colaride/Rocanes.

### 2.1. Gruta natural

A gruta de Colaride situa-se a sensivelmente 2,1 km a oeste do marco geodésico Monte Abraão, mais concretamente no limite NE da estação romana epónima.

Inicialmente designada pela população local como Fojo dos Mouros, Buraca dos Mouros ou Gruta dos Mouros, assumiu na actualidade a designação de Gruta de Colaride, sobretudo, no meio da comunidade espeleológica.

A mais antiga referência conhecida acerca desta gruta data de 1463, sob a designação de “algar”, que etimologicamente deriva da palavra árabe utilizada para poço natural. Esta gruta, após a notícia da sua redescoberta em 1898, seria também objecto de análise por Leite de Vasconcellos, que ali terá recolhido materiais em bronze e restos de argamassa (*opus signinum*), atribuindo-os ao período romano.

A partir de 1952, a gruta de Colaride é continuamente explorada por diversos espeleólogos nacionais e estrangeiros que registam novas áreas da cavidade, numa extensão de centenas de metros, cuja profundidade atinge cerca de 50 metros relativamente à entrada, sem se saber concretamente qual o seu *terminus*.

Explorada sucessivamente a gruta revelou, nos anos 70, a existência de uma cascata e de um lago, com 15 m de profundidade. Porém, o destino destas águas continua por conhecer, embora se suponha que uma das ribeiras, existente na entrada e que serve de escoamento natural às águas pluviais, vá desembocar na denominada Ribeira do Papel.

Esta cavidade natural encontra-se aberta em calcários do período Cretácico, a uma altitude de 180 metros, desenvolvendo-se em vários andares ligados por poços, o maior dos quais atinge os 11 m. Saliente-se que é nesta mesma área que se forma um sifão em épocas de grandes índices de pluviosidade. Alguns corredores e galerias atingem grandes extensões, parte delas “baptizadas” pelos espeleólogos como Sala das Lamas ou Sala do Túmulo (Vargas, 1984). Não podemos, contudo, deixar de realçar o importante papel deste local no que diz respeito às tumulações em gruta identificadas. Em 1967, um estudioso local refere que esta gruta poderá ter albergado uma necrópole romana, entre 200 a.C. e 400 d.C. Em simultâneo, alude a uma eventual ocupação deste mesmo espaço subterrâneo por grupos neolíticos, sem que para isso, no entanto, refira a presença de qualquer tipo de materiais arqueológicos no local, mas sim nas áreas limítrofes e superficiais da estação de Colaride (Morgado, 1967, p. 1).

## 2.2. Estação arqueológica de Rocanes

Situada a cerca de 2,2 km a Oeste do marco geodésico Monte Abraão, estende-se pela plataforma localizada a Sul do moinho velho, com o mesmo nome, e da estação arqueológica de Colaride.

Em Outubro de 1975, foi identificada uma estação paleolítica na área de Rocanes, através da recolha de alguns materiais de superfície. Esta utensilagem lítica permitiu estabelecer uma ocupação de grupos do Paleolítico Médio naquele local. Tais materiais encontram-se ainda na posse dos particulares que os recolheram.

Numa breve nota publicada no Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Agualva/Cacém, alude-se aos achados paleolíticos de Rocanes, da seguinte forma: “trata-se de uma estação típica do manto Basáltico de Lisboa, com materiais idênticos aos do chamado Paleolítico da Amadora, estudado por Jean Ollivier, com a particularidade de apresentar uma maior concentração de vestígios numa mesma jazida e de se situar justamente na orla do manto basáltico, junto dos calcários Cretácicos de onde seriam extraídos os nódulos de sílex para fabricar os instrumentos.” (Vargas, 1984, p. 1).

A importância da estação paleolítica de Rocanes deriva do elevado número e variedade de indústrias líticas onde predominam os raspadores, as facas, as pontas e outros utensílios sobre lascas e lâminas, sendo raros os bifaces, furadores e buris.” (*Aqua Alba*, 1983, p. 1), talhados em sílex, quartzo e quartzite. Na opinião do mesmo autor, “são indústrias do complexo mustierolevalloisense, deixadas por caçadores-recolectores (...), durante um período de cerca de 50 000 anos (entre 80 000 e 35 000).” (*Aqua Alba*, 1983, p. 1).

Como vimos anteriormente, tal realidade já havia sido descrita por Carlos Ribeiro, aquando da sua abordagem acerca das estações pré-históricas da região de Lisboa (Ribeiro, 1880, p. 73), pelo que pensamos tratar-se da mesma realidade, dada a proximidade verificada entre as duas áreas referidas, ou seja, Casal de Colaride e Rocanes.

São, no entanto, os vestígios proto-históricos que fizeram desta uma estação arqueológica de referência. Entre eles está a descoberta do importantíssimo molde de foice, já mencionada anteriormente, que “l'éminent géologue Paul Choffat a trouvé en 1915, près de Cacem, le premier moule connu en Portugal (...)” (Fontes, 1916, p. 340).

A identificação do molde de fundição de foices marcou o estudo das ocupações da Idade do Bronze em Portugal. Não será por acaso que A. Coffyn refere, num estudo que faz acerca da Idade do Bronze no centro de Portugal, o molde de Rocanes como sendo um tipo concreto e individualizado a considerar no panorama da utensilagem da Idade do Bronze no actual território

português: “ a) *le type de Rocanes*: ce sont des faucilles à boton allongé ne dépassant pas les bords de la partie proximale, talon court mais individualisé, laure à sos épais, plus au moins courbe et quelquefois renforcé de nervures.” (Coffyn, 1983, p. 182).

Trata-se de um fragmento de pedra quadrangular, de grés muito fino, no qual uma das faces apresenta o molde de uma pequena foice. Esta face está bastante polida tendo em vista a firme colocação de uma cobertura para realizar o fecho do molde (mede 0,205 m de comprimento; 0,155 m de largura e 0,080 m de espessura).

Não foram, porém, recolhidos quaisquer outros tipos de materiais atribuíveis à Idade do Bronze neste local. Muito provavelmente tal facto poderá ficar a dever-se à acelerada destruição verificada nesta área pela exploração de uma pedreira desde há já várias décadas.

Por outro lado, do ponto de vista do património construído, de cariz etnográfico, há ainda a salientar a existência do moinho velho de Rocanes que, no entanto, se encontra hoje parcialmente destruído, dadas as obras de remodelação levadas a efeito na década de 70.

### 2.3. Estação romana de Colaride

Esta estação arqueológica situa-se a cerca de 2,2 km a Oeste do marco geodésico Monte Abraão. É circundada a NE pela entrada de gruta de Colaride e a SW pelo moinho velho de Rocanes.

Como dissemos anteriormente a notícia da descoberta desta importante estação arqueológica data de 1898, aquando da publicação de uma breve notícia na *Gazeta de Sintra*: “No Casal de Colaride (...) quando alguns trabalhadores andavam fazendo uma escavação, descobriram várias ossadas humanas. De envolta com os ossos, foi também encontrado um anel de ouro” (*Gazeta de Sintra*, 1898, p. 2). Durante uma sessão da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, realizada no mesmo ano, Leite de Vasconcellos anunciou a descoberta aludindo à existência de “sepulturas romanas, pela observação das ossadas encontradas e de um anel de cobre com inscrição, bem como pelos fragmentos de argamassa — *opus signinum*” (Vasconcellos, 1898, p. 36-37) —, ficando, desde então, os referidos materiais em depósito no Museu Nacional de Arqueologia.

Na década de 70 foram recolhidos alguns materiais à superfície nesta estação, como tijolos, *tegulae*, ímbrices, pesos de tear, fragmentos de ânforas e fragmentos de recipientes cerâmicos de cozinha e de armazenagem, bem como fragmentos de *terra sigillata*. Alguns dos materiais recolhidos encontram-se em depósito no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, estando, no entanto, a sua maioria na posse de particulares. Encontrava-se, assim, estabelecida a presença não apenas de uma área de necrópole, mas também de um sítio contíguo de *habitat*, para além de, como referimos no início, Carlos Ribeiro ter assinalado igualmente nesta área uma estação paleolítica, onde registou o aparecimento de instrumentos de sílex, actualmente em exposição no Instituto Geológico e Mineiro.

## 3. A intervenção arqueológica de 1998

Ao ser projectada para esta área a implantação das condutas da Rede Primária de Gás Natural — ainda que durante do Estudo de Impacte prévio às obras da Gás de Lisboa, S. A. tenha sido aconselhado o desvio das tubagens para fora dos limites da área arqueológica — houve a necessidade de se proceder a intervenções de emergência no local, após terem sido iniciados os trabalhos de remoção das terras superficiais sem qualquer acompanhamento técnico.

Na sequência da inevitável alteração do traçado da Rede Primária, foi estabelecido um troço alternativo com cerca de 250 m lineares, numa área onde se registava uma menor quantidade de vestígios arqueológicos à superfície.

Através da colaboração directa dos serviços de topografia da firma contratada pela G.D.L., S. A. para a realização da referida obra, foram implantadas 27 sondagens com 2 x 2 metros ao longo do traçado supracitado.

Numa primeira fase a metodologia adoptada visou o registo de campo com base numa estratigrafia artificial dada a impossibilidade de se proceder à observação natural do terreno, uma vez que as abundantes chuvas verificadas durante grande parte da duração dos trabalhos de campo havia saturado por completo os sedimentos a exumar.

Contudo, através da obtenção das coberturas instaladas em cada sondagem, bem como pela melhoria das condições atmosféricas e, ainda, pelo controle efectivo do registo arqueológico foi possível seguir as propostas de Barker (1977), Harris (1991) e Carandini (1983).

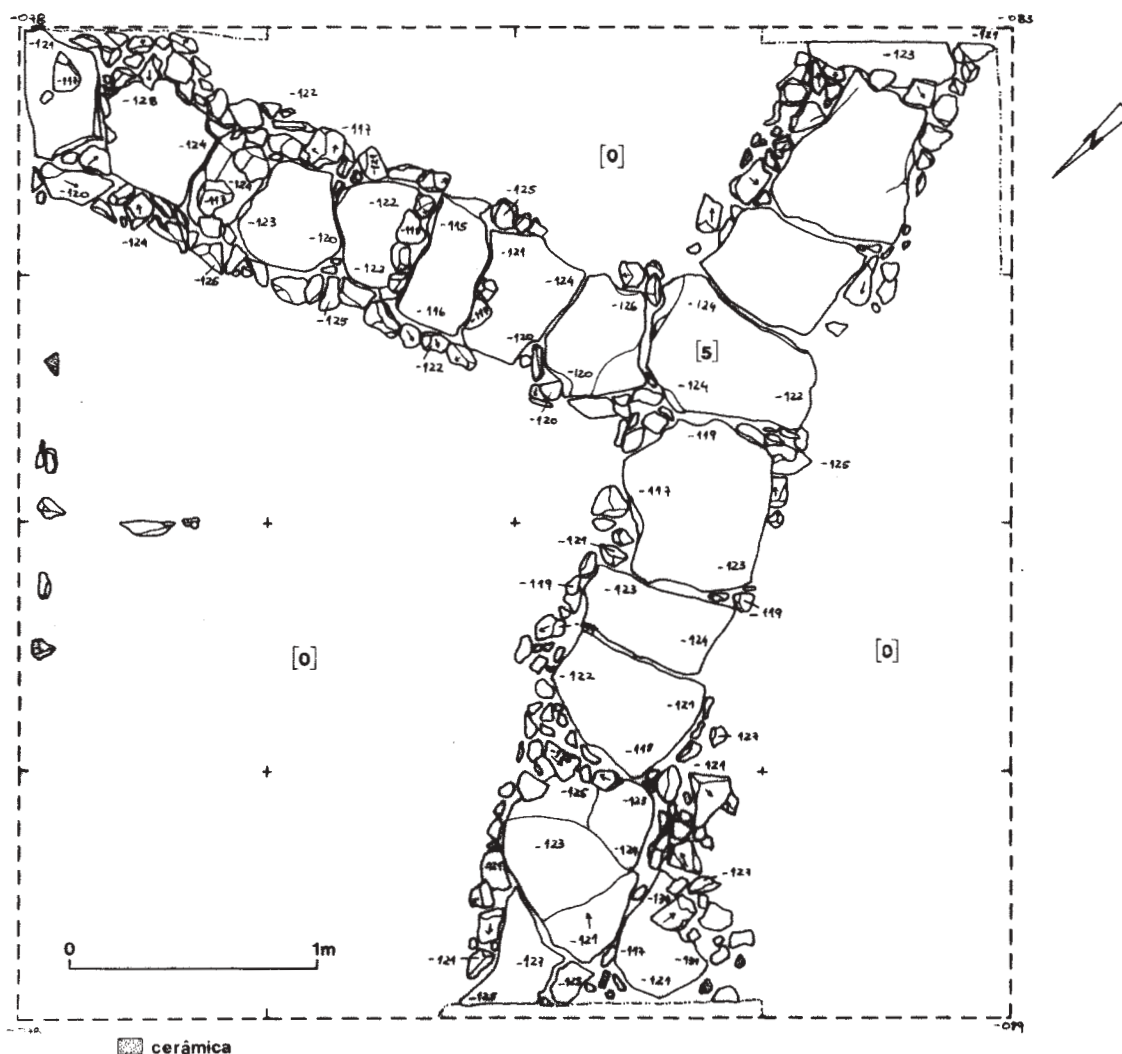


Fig. 2 Conduita identificada na sondagem 10: UE's 0 e 5 (esc. 1:20).

### 3.1. Estruturas identificadas

De acordo com os trabalhos arqueológicos efectuados no terreno, foi possível identificar quatro estruturas tipologicamente muito diferenciadas, testemunhando uma larga diacronia para os vestígios ocupacionais desta área arqueológica.

#### 3.1.1. Canalização

Nos 16 m<sup>2</sup> intervencionados da sondagem 10, registou-se uma estrutura de canalização disposta em dois troços perpendiculares orientados N-S (3,42 m x 0,60 m) e E-W (4,26 m x 0,60 m).

Esta estrutura era composta, na sua cobertura, por lajes de média grandeza dispostas horizontalmente. A “caixa” definia-se por duas paredes paralelas construídas com pedras de peque-

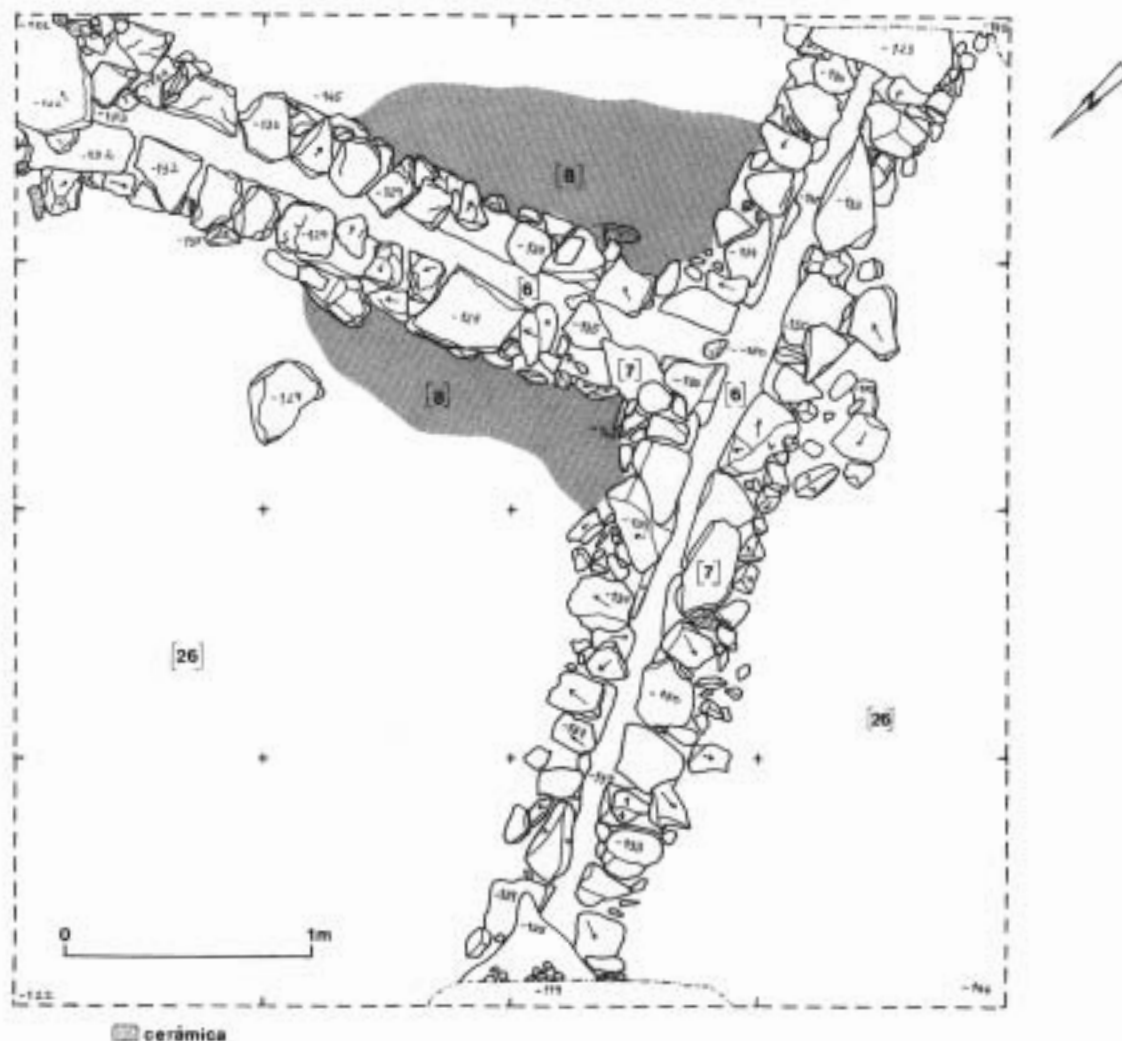


Fig. 3 Conduta identificada na sondagem 10: UE's 6, 7, 8 e 26 (esc. 1:20).

nas e médias dimensões sem qualquer resquício de argamassa a estruturá-las. No interior não se registou nenhum indício de impermeabilização das paredes.

Por outro lado, a base desta estrutura encontrava-se, na área oeste da sondagem, escavada directamente na rocha. A Leste verificou-se que a canalização estava implantada sobre uma camada com significativos restos de material cerâmico e osteológico, muito provavelmente pertencentes a um nível de deposição ou lixeira previamente existente naquela zona específica.

### 3.1.2. Fossa elíptica

Na sondagem 21 foi identificada uma estrutura negativa de planta elipsoidal, escavada no calcário de base (4,56 m x 2,60 m de medidas máximas). Esta encontrava-se completamente entulhada com terra, e material variado, desde cerâmica a alguns restos metálicos e faunísticos.

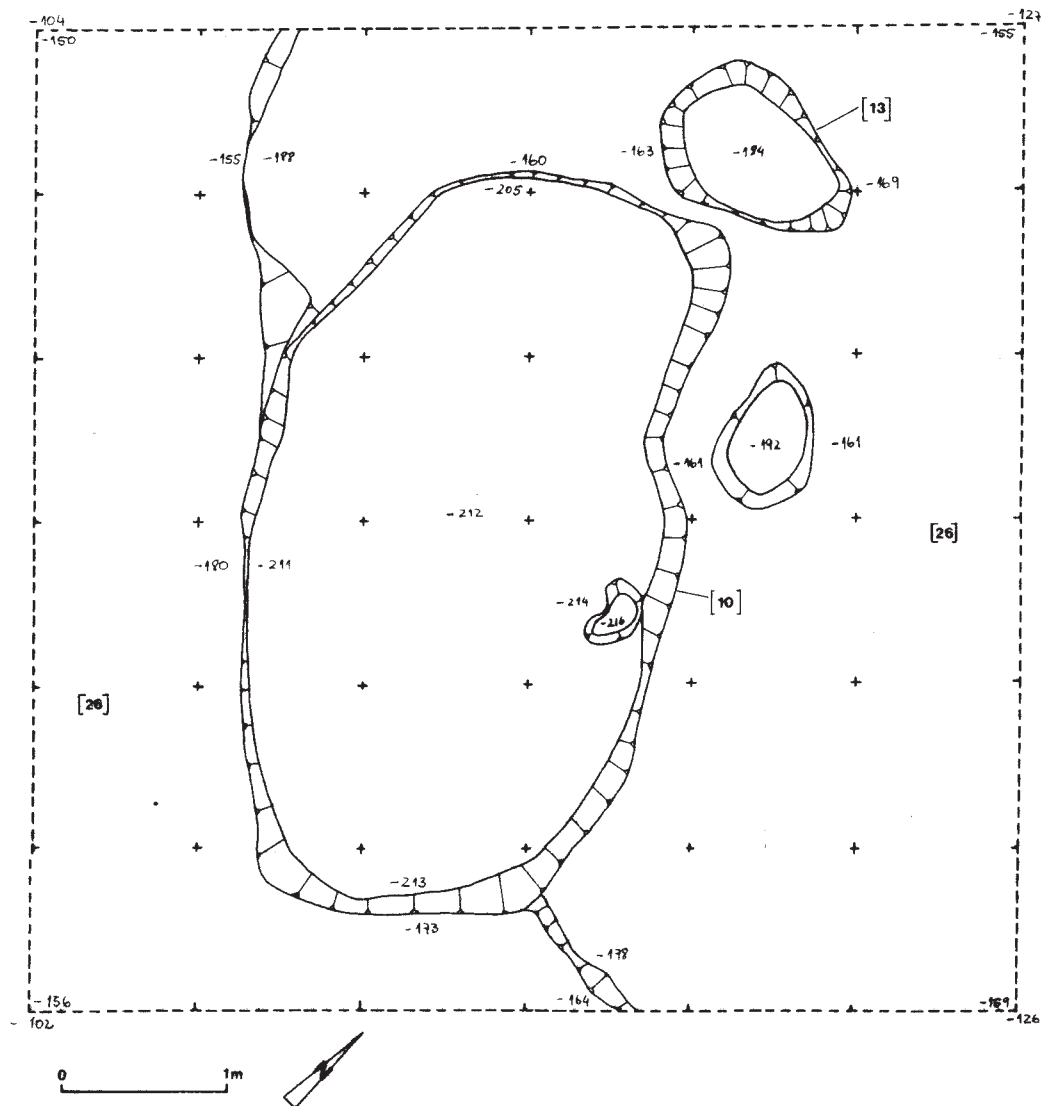


Fig. 4 Fossas identificadas na sondagem 21: UE's 13, 13 e 26 (esc. 1:20).



No interior da estrutura foi ainda possível identificar uma pequena depressão, que poderá resultar do desgaste da própria rocha.

A NE da fossa elipsoidal, foi registada uma outra estrutura negativa de planta tendencialmente circular, que estava, igualmente, preenchida por uma camada de terras com algum espólio arqueológico.

De destacar a ausência de outras estruturas associadas ou complementares da fossa elipsoidal, como por exemplo buracos de poste ou similares.

Toda esta área se encontrava coberta por uma espécie de carapaça de pedras de médias dimensões, que mais tarde se verificou pertencer ao nível de escombreira registado no interior da pedreira adjacente (sondagem 23).

### 3.1.3. Pedreira e telheiro

Quer a pedreira, quer a estrutura de telheiro identificados serão pormenorizadamente descritos no ponto 4 do presente estudo.

## 3.2. Sequência das ocupações de Colaride

Face às realidades postas a descoberto, e em associação com os materiais arqueológicos exumados, foi possível estabelecer várias fases representativas da presença humana no sítio arqueológico de Colaride para cada uma das estruturas analisadas.

### 3.2.1. Canalização (e restantes realidades da sondagem 10)

#### *Fase I*

Nesta sondagem foi definido um espaço claramente limítrofe da zona específica de *habitat* atribuído ao período romano. Ou seja, tendo em atenção o espólio exumado, verificou-se que numa primeira fase este espaço foi utilizado como área deposicional de resíduos domésticos — lixeira — (U.E. 8), nomeadamente fragmentos de cerâmica comum e restos faunísticos em abundância. No entanto, muito embora tal facto não constitua qualquer diferença funcional relativamente ao que se verificou nas áreas da fossa elipsoidal e da pedreira para esta fase, aqui os materiais romanos são mais incaracterísticos podendo mesmo ser observado o aparecimento de algum espólio mais antigo dada a morfologia das pastas e a própria tipologia dos recipientes.

#### *Fase II*

A construção da conduta que caracteriza todo o espaço da sondagem 10 efectuou-se quer directamente sobre a rocha de base, quer sobre o anteriormente referido nível de lixeira. A sua edificação corresponde, claramente, a uma fase posterior de utilização desta área da estação de Colaride. Torna-se difícil concretizar uma datação específica para esta estrutura de condução de águas. Pela observação da tipologia construtiva constata-se que este tipo de estruturas regista uma longa diacronia de utilização, podendo mesmo estar associada à exploração agrícola praticada durante várias épocas na área de Colaride/Rocanes, como canal de rega, drenagem ou similar.

Contudo, dada a grande heterogeneidade cronológica verificada a nível do espólio recolhido, nomeadamente os fragmentos cerâmicos vidrados apontando para as épocas medieval tardia ou moderna, podemos estar perante uma canalização remontando a estes períodos mais afastados. Infelizmente não foi possível retirar qualquer informação dos materiais recolhidos no interior da conduta (U.E. 6), uma vez que se tratava de fragmentos cerâmicos de reduzidas dimensões, bastante rolados ou, ainda, relacionados directamente com a realidade anterior (U.E. 8).

### *Fase III*

Pelo referido anteriormente será fácil concluir que se torna bastante precária qualquer tentativa de estabelecimento da fase de abandono desta estrutura, definido pela interrupção da sua utilização.

### *3.2.2. Fossa elíptica*

A caracterização desta estrutura reveste-se logo à partida de alguma complexidade uma vez que tipológica e funcionalmente este tipo de fossas, escavadas na rocha de base, costumam observar-se em *habitats* com ocupações antigas, nomeadamente pré ou proto-históricas.

Todavia, tal hipótese fica automaticamente posta de lado, dada a natureza do conjunto artefactual recolhido (cf. ponto 3.3.) que revela um entulhamento desta estrutura durante a ocupação romana da área de Colaride.

### *Fase I*

Desconhece-se, como já dissemos, qual a funcionalidade desta estrutura. Podemos, contudo, estar perante três tipos de situações:

- (a) utilização em época romana de uma estrutura preexistente, relacionada com as ocupações anteriores do Sítio de Colaride — referidas no ponto 2 —, nomeadamente como a base de uma cabana elipsoidal, cujas paredes e cobertura seriam edificados com materiais perecíveis. No entanto, não foram exumados quaisquer materiais que corroborem esta hipótese;
- (b) construção desta estrutura durante a ocupação romana da área, estando a sua funcionalidade associada à exploração da pedreira espacialmente bastante próxima e a nível do material recolhido nas unidades stratigráficas mais superficiais dentro do mesmo contexto;
- (c) edificação de uma estrutura, cuja base seria a fossa elipsoidal, durante um período precoce da ocupação romana de Colaride — dada a recolha de um sestércio, aparentemente, da época de Augusto, na camada imediatamente sobre a rocha de base no interior da estrutura, bem como algum material cerâmico semelhante do ponto de vista cronológico. Estaria, desta forma, indicada a fase final da sua “primeira” utilização pela deposição intencional de restos cerâmicos e faunísticos — lixeira (U.E. 12). Saliente-se que o conjunto cerâmico aqui recolhido apresenta um estado de conservação muito superior, tornando-se único na totalidade do espólio exumado em toda a campanha.

### *Fase II*

Nível deposicional de materiais (U.E. 11), muito semelhante à realidade anterior (U.E. 12), apenas individualizado por apresentar uma coloração de terras diferente, pela aparente desi-

gualdade a nível da tipologia cerâmica — conjunto cronologicamente coeso no universo das produções cerâmicas romanas — e, ainda, pela presença de alguma pedras e bastantes fragmentos de telhas no seu conteúdo.

Associada a esta fase de utilização pensamos estar a pequena fossa circular (U.E.13) preenchida com espólio semelhante ao da U.E.11, embora revelando uma escassez que contrasta com o conjunto recolhido nesta última. Destaque para a recolha de dois fragmentos de uma agulha de bronze.

### *Fase III*

Entulhamento propositado (U.E. 9) das duas estruturas escavadas na rocha. Caracteriza-se pela presença de uma carapaça de pedras — semelhantes às da escombreira da pedreira — corroborando assim a hipótese (b) anteriormente colocada —, composta pela grande abundância de fragmentos de telhas, tijolos ou ladrilhos e cerâmica comum romana, entre um ou outro fragmento de ânfora. Pode-se concretizar esta fase como o período de abandono da utilização deste espaço específico.

Muito embora seja difícil, como vimos, definir uma datação para a construção desta estrutura — ainda que a quase total ausência de fragmentos de *terra sigillata*, associada aos materiais cerâmicos e à moeda recolhidos apontem para um cronologia entre os sécs. I a.C. - I d.C. —, é claramente indiscutível a sua utilização numa fase derradeira como depósito de resíduos domésticos e de materiais de construção, ou seja, como lixeira durante a época romana.

### **3.3. Breve sinopse dos materiais arqueológicos exumados**

Muito embora seja imprescindível analisar os trabalhos desenvolvidos na área de Colaride como um todo, torna-se absolutamente necessário particularizar cada uma das sondagens dada a especificidade verificada em cada uma delas.

Merece especial destaque a grande abundância de nódulos de sílex verificada em toda a área arqueológica, fenómeno explicado dada a natureza geológica do local — calcários e margas do “Belasiano” [Cretácico > Cenomaniano superior > calcários com rudistas e camadas com *Neolobites vibrayeanus*; Cretácico > Albiano > Cenomaniano inferior e médio > calcários e margas do “Belasiano”], propícia ao aparecimento destes nódulos de sílex no interior do calcário do subsolo. Testemunha-se, desta forma, a grande disponibilidade de matéria-prima para a manufatura de artefactos em sílex, atestados quer por recolhas de superfície, quer pelo registo arqueológico.

Assim, como já foi referido anteriormente, exumou-se nas unidades estratigráficas mais superficiais (U.E.'s 0, 3 e 4), como resultado do revolvimento provocado pela lavoura efectuada ao longo dos anos nesta área, uma grande heterogeneidade quer tipológico-morfológica, quer cronológica dos materiais recolhidos. Analisando pormenorizadamente o espólio exumado pode-se apreender a longa diacronia de ocupação do espaço arqueológico de Colaride.

#### **3.3.1. Material lítico**

Dada a grande abundância de matéria-prima no local ocorrem com alguma frequência restos de talhe, pequenos artefactos e núcleos de sílex. Simultaneamente, registou-se o aparecimento de três fragmentos de machado de pedra polida atribuíveis ao Calcolítico.

### 3.3.2. Material cerâmico

Os fragmentos cerâmicos constituem o maior conjunto de materiais recolhido durante a intervenção em análise. Os estudos preliminares permitem verificar que estamos na presença de materiais atribuíveis, por um lado, a contextos pré ou proto-históricos (pela observação morfológica e tipológica dos vários fragmentos) e, por outro, a um vasto período de ocupação romana, desde os inícios do séc. I até à época baixo imperial. Tal é possível constatar através da presença de fragmentos de cerâmica cinzenta polida — que registada habitualmente em ambientes da Idade do Ferro, tem vindo a ser recolhida em contextos de ocupação romana —, um fragmento de cerâmica campaniense B e ainda pelo menos dois fragmentos de *terra sigillata* itálica. Saliente-se que os materiais acima mencionados foram na sua totalidade recolhidos no interior da fossa elíptica.

No entanto, verificou-se em todas as sondagens intervencionadas a existência de fragmentos de cerâmica de cozinha (panelas, potes, etc.), de mesa, sem decoração, fragmentos de taças e pratos em *terra sigillata* (sud-gálica e hispânica) e de cerâmica de paredes finas, vários fragmentos de bordos, bojos e asas de ânforas, bem como alguns fragmentos de *dolia*. Saliente-se, ainda, o registo constante de restos de materiais de construção como telhas, tijolos e/ou ladrilhos, fragmentos de cerâmica argamassada e pequenos pedaços de estuque.

Dada a larga diacronia de ocupação do Sítio de Colaride foi possível recolher fragmentos de cerâmica atribuíveis a épocas bem mais recentes, nomeadamente tardo-medievais ou modernas, identificados pela tipologia e pasta de algumas telhas e fragmentos de recipientes cerâmicos (cerâmica vidrada com vestígios de desenho a branco, azul e preto, com pasta creme e cerâmica vidrada a verde e branco, pasta branca, nitidamente recente).

### 3.3.3. Moeda

Foi recolhido no interior da fossa elíptica a única moeda registada no decorrer dos trabalhos arqueológicos (U.E. 12). Trata-se de um dupôndio de *C. Asinius Gallus*, cujo anverso foi desfigurado com um cinzel, talvez por se tratar de uma moeda de imitação. Segundo Martini (2001, p. 244), a emissão oficial terá sido cunhada entre Julho de 22 a.C. e Junho de 21 a.C. (Agradece-se ao Dr. António Marques de Faria a identificação precisa do numisma em apreciação, bem como as considerações apresentadas).

### 3.3.4. Metais

Na totalidade das sondagens escavadas foram apenas recolhidos quinze elementos de metal, entre os quais alguns amorfos, fragmentos de pregos em ferro e dois pedaços de escória. São de destacar os registos de um *pilum* em ferro, de forma fusiforme com espigão de secção quadrada (sond. 17 - U.E. 4), um fragmento de punção em bronze, secção quadrada (sond. 17 - U.E. 5), uma agulha em bronze fragmentada na extremidade proximal (sond. 21 - U.E. 14) e um pequeno elemento em bronze decorado, possivelmente fracturado, que pertenceria a um objecto de adorno pessoal (sond. 23 - U.E. 15), dois fragmentos de um grampo em ferro recolhido no interior da pedreira (interface das U.E.'s 17 e 19). Por se localizar mesmo sobre a rocha este vestígio poderá estar relacionado com a própria extracção de matéria-prima.

### 3.3.5. Restos faunísticos

Foram recolhidos ao longo dos trabalhos e na quase totalidade das sondagens restos faunísticos, sendo contudo maior a permanência deste conjunto nas áreas de lixeira assinaladas. Posteriormente, e dada a conservação de alguns dos restos registados, pensamos ser possível identificar as espécies consumidas durante a ocupação romana de Colaride.

### 3.3.6. Outros

Foi ainda registado outro tipo de material funcionalmente não incluído nas classes anteriores. Assim, identificou-se um cossoiro em cerâmica de secção troncocónica, com incisões paralelas na aresta inferior e traços perpendiculares na face superior ( sond. 19 - U.E. 0), semelhante a exemplares recolhidos noutras estações romanas, quatro fragmentos de vidro esverdeado e incolor, cronologicamente atribuíveis ao período romano, muito embora tenham sido identificados em níveis superficiais (sond. 10, 11 e 18 - U.E. 0) e uma conta de vidro esverdeado, oval com perfuração vertical (sond. 6 - U.E. 0).

## 4. A pedra romana identificada em Colaride

*“Comecemos pelos principais elementos necessários à construção, manutenção e desenvolvimento das estruturas arquitectónicas da própria villa e seu equipamento básico, os dois principais elementos-base que subsistiram consistem, sem dúvida alguma, nos materiais líticos e cerâmicos. Quanto aos primeiros, provêm fundamentalmente do próprio local em que se ergue a construção (...), os quais implicavam aturado trabalho de canteiro e mesmo de escultor. Referimo-nos a blocos aparelhados calcários.”*

Ribeiro, 1990, p. 9/2

A pedra, identificada na sondagem 23, é composta por três degraus escavados directamente no calcário margoso visando a obtenção da plataforma de calcário com calcite, pretendida para exploração. Neste último degrau são visíveis duas cunhas, perfeitamente talhadas, denunciando a existência de um bloco preparado para a extracção.

O nível de exploração apresenta entalhes de corte que aproveitam as descontinuidades, fissuras naturais e orifícios petrográficos para acção do escopro. Tal como foi identificado noutras pedreiras romanas, há uma associação entre as técnicas de exploração propriamente ditas e a observação das características geológicas da rocha, no sentido de minimizar o esforço técnico que a extracção da matéria-prima implicaria.

Os referidos entalhes encontram-se dispostos: (a) um horizontal na aresta inferior da plata-

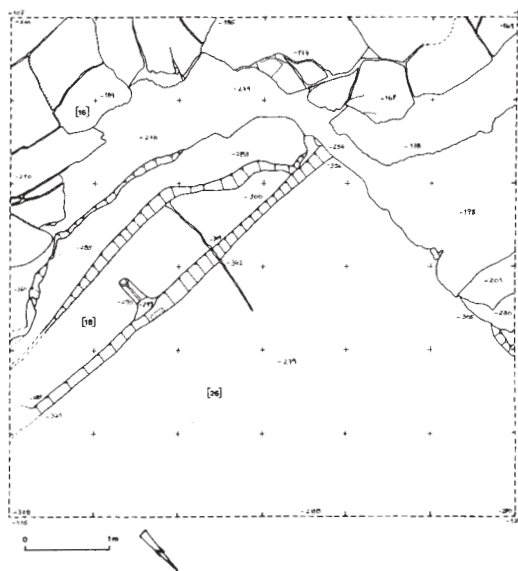


Fig. 5 Planta da pedra romana identificada em Colaride: sondagem 23, UE's 16, 18 e 26 (esc. 1:40).

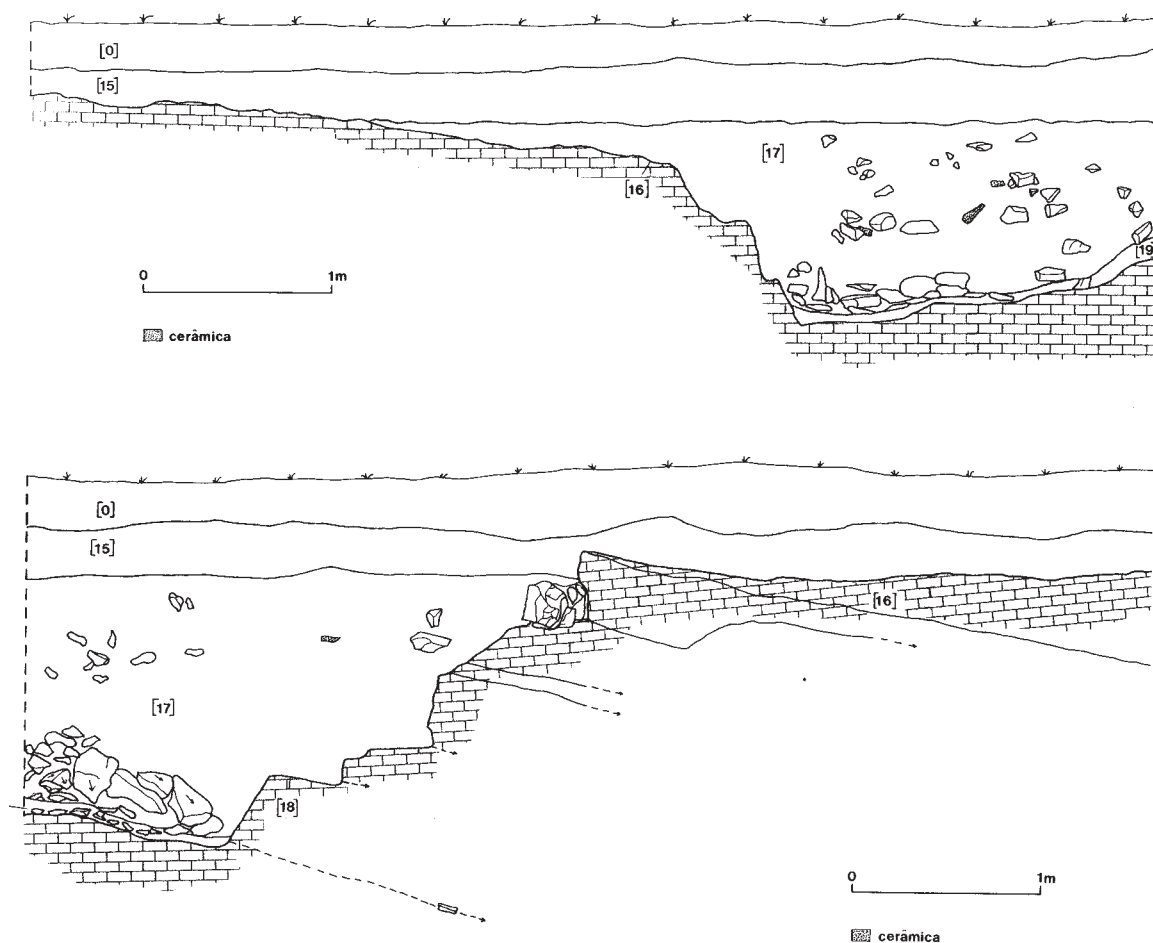


Fig. 6 Cortes estratigráficos da sondagem 23, onde se identificou a pedreira romana (esc. 1:20).

forma, entre o bloco a retirar e a rocha de base e (b) um outro vertical, no plano horizontal do mesmo bloco. Este está lascado, sugerindo que se terá procedido ao seu reinício mais no interior do bloco.

Parece provável a existência um terceiro entalhe na mesma plataforma mas, desta vez, junto ao corte leste, pelo que se torna ao momento impossível saber se trata de um outro bloco preparado para extracção ou do testemunho de um bloco já extraído.

A exploração da matéria-prima far-se-ia no sentido Norte-Sul, pois é possível observar que no perfil oeste da mesma os trabalhos se encontram concluídos.

No interior da pedreira foi possível observar o produto da escombreira, resultante da exploração da matéria-prima, composta por pedras com dimensões médias entre 0,27 m x 0,20 m x 0,10 m; 0,40 m x 0,20 m x 0,16 m e 0,18 m x 0,14 m x 0,06 m. Trata-se de um aglomerado de blocos heterogéneos resultantes do desmonte das camadas superiores ao nível de exploração. Como foi referido anteriormente esta realidade é observável, também, na fossa elipsoidal (U.E. 9).

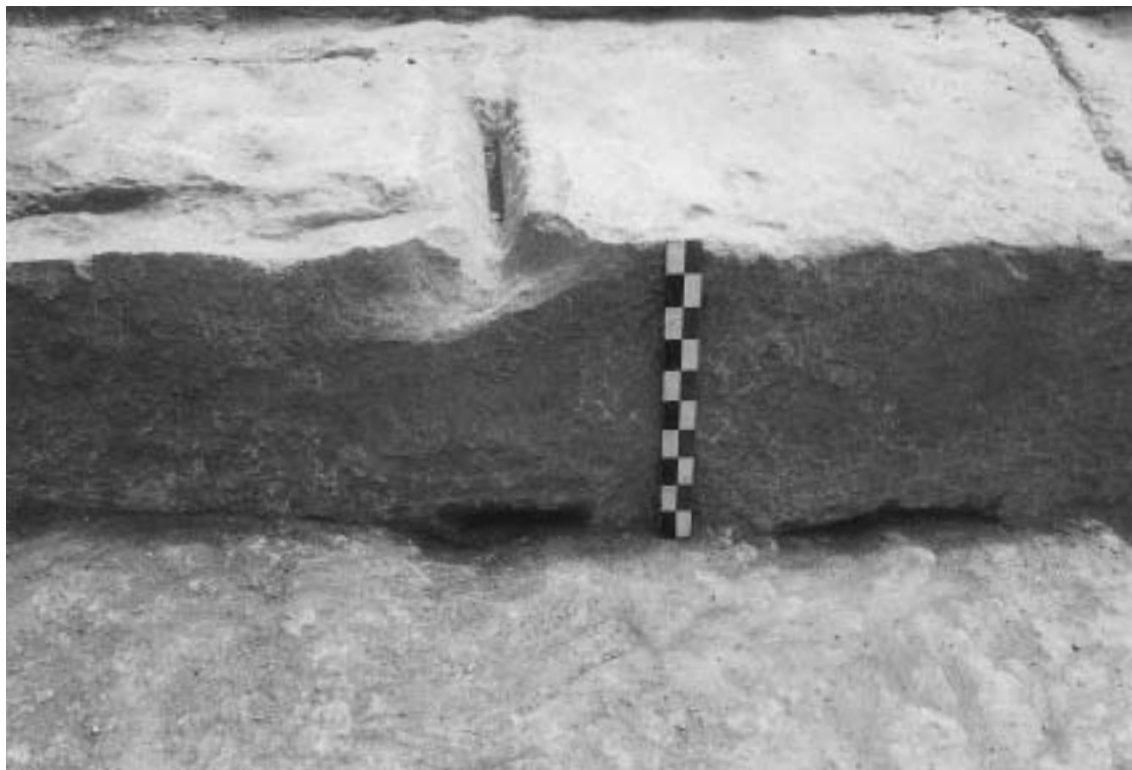


Foto 1 Pormenor dos entalhes no nível de exploração de calcário com calcite.



Foto 2 Produto da escombreira que entulhava parcialmente a pedreira romana.

#### 4.1. Descrição das camadas geológicas da pedreira

A natureza geológica da área arqueológica de Colaride é composta por calcários e margas do “Belasiano”. A exploração de matéria-prima para construção, durante o período de ocupação romana deste espaço, visou a escavação dos níveis margosos lenticulares e calcários margosos, bem como o calcário amarelo ligeiramente detritico, como fase preparatória da extracção dos blocos pretendidos na bancada de calcários com calcite (Agradece-se ao Dr. Fernando Real a caracterização geológica das várias camadas da pedreira, efectuada no próprio terreno).

No decorrer dos trabalhos realizados na sondagem 26, foi identificado o derrube de uma estrutura de cobertura composta por telhas de meia-cana quebradas em conexão (U.E. 20). O telhado encontrava-se suportado por postes, tendo sido observados os vestígios dos mesmos pelo registo de três buracos escavados directamente na rocha de base (U.E.'s 23, 24 e, 25).

Estas três pequenas fossas estavam dispostas em linha recta, pelo que supomos tratar-se de um dos alinhamentos que sustentavam a referida cobertura. Um dos buracos de poste registava um escoramento com duas pequenas lajes colocadas na vertical, em cutelo (U.E. 22).

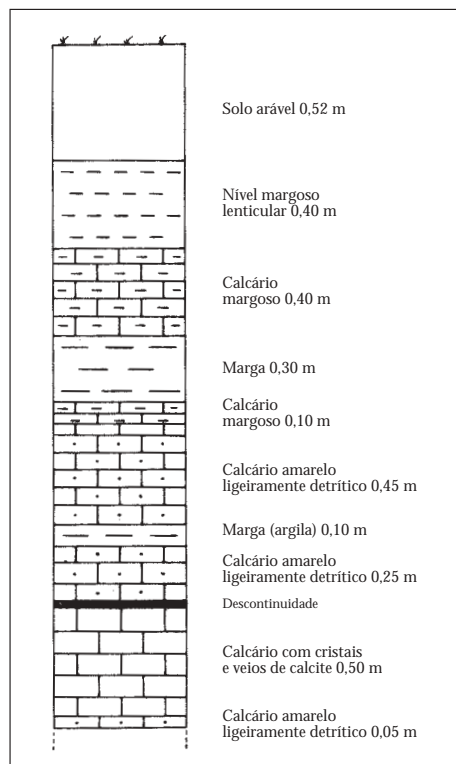
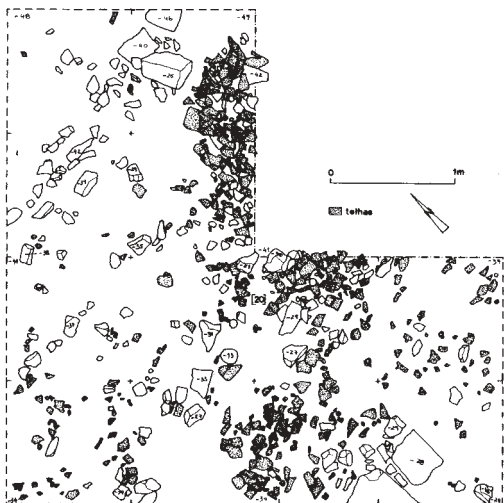


Fig. 7 Esquema das camadas geológicas existentes na pedreira romana de Colaride.

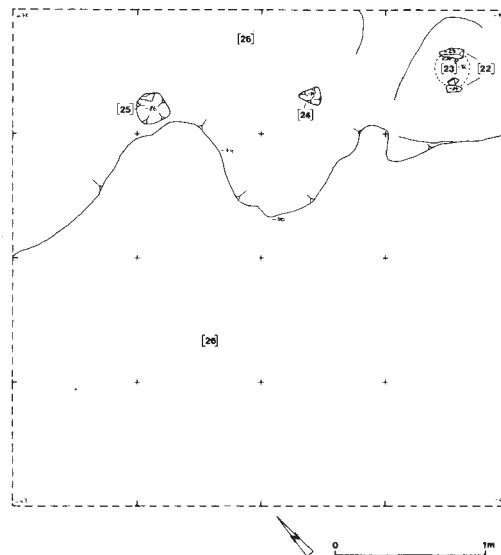


Foto 3 Pormenor do derrube da cobertura do telheiro identificado na sondagem 26.





**Fig. 8** Planta do derrube da cobertura da estrutura de telheiro, sondagem 26: UE 20 (esc. 1:40).



**Fig. 9** Buracos de poste que suportavam a cobertura da estrutura de telheiro (esc. 1:40).

Dada a dimensão da área intervencionada – 16 m<sup>2</sup> – não foi possível observar outra fiada de postes. No entanto, parece conclusivo que, a existir, se deveria localizar para N-NE da sondagem, na direcção da pedra. Tal facto verifica-se quer pela ausência de estruturas negativas na zona sul deste espaço, quer pela concentração de telhas depositadas sobre o solo, claramente superior na área NE da sondagem.

A cobertura derrubada assentava directamente sobre a camada de utilização propriamente dita (U.E. 21). Foi exumado um conjunto de material cerâmico cronologicamente contemporâ-



**Foto 4** Dois blocos calcários exumados durante a escavação da estrutura de telheiro identificada na sondagem 26.

neo do espólio recolhido no interior da pedreira. Destaque especial para a existência de dois fragmentos de calcário que estariam a ser trabalhados na altura do abandono desta estrutura.

Quanto à existência de um qualquer pavimento, parece ser plausível a hipótese que aponta para a presença de um solo de terra compactado directamente sobre a rocha de base.

Face aos dados estruturais observados pensamos que este espaço consistiria num telheiro, uma vez que não se registaram quaisquer vestígios de paredes de alvenaria, para trabalho da matéria-prima recolhida da pedreira que para aqui viria ser afeiçoada e terminada.

#### **4.2. Caracterização das diversas fases de funcionamento destas duas estruturas complementares**

##### *Fase I*

Esta fase caracteriza-se pelo início da exploração da pedreira romana podendo apenas ser definida pelo corte nas margas calcárias (U.E. 16) para alcançar o nível de exploração pretendido – calcário com calcite.

##### *Fase II*

Observa-se que a exploração propriamente dita do nível de calcário com calcite constitui uma segunda fase da utilização desta realidade, registada na preparação do bloco para extracção (U.E.18). Saliente-se que esta é, no entanto, a última fase de utilização da pedreira com a sua funcionalidade original. Torna-se muito complexo estabelecer o período cronológico específico para as primeiras extracções efectuadas.

A exploração da matéria-prima deverá ter ocorrido durante a construção de um núcleo de *habitat* amplo, identificado anteriormente dada a concentração de materiais arqueológicos à superfície que para isso indicam.

Merece especial destaque o facto de nas imediações da área intervencionada existirem vários blocos, um dos quais de calcário com calcite, apresentando uma descontinuidade onde a rocha fracturou registando, ainda, as marcas do trabalho do escopro.

##### *Fase III*

Corresponde à utilização deste espaço com uma função completamente diferente da original. Trata-se do seu entulhamento em dois momentos através da deposição intencional do produto da escombreira intercalado com fragmentos de telhas e cerâmica (U.E. 17).

##### *Fase IV*

Posteriormente, e de modo semelhante ao verificado na fase anterior, procedeu-se ao aproveitamento deste espaço como uma lixeira de materiais de construção e resíduos domésticos (U.E 15).

Quanto à estrutura de telheiro propriamente dita registam-se apenas três momentos :

##### *Fase I*

Relativamente à construção desta estrutura (U.E.'s 22, 23, 24 e 25) apenas poderemos afirmar que deverá ter ocorrido durante a fase de exploração da pedreira, uma vez que, como já foi referido, o telheiro servia de apoio ao trabalho final da matéria-prima ali explorada. Realidade comprovada noutros sítios semelhantes durante a época romana (Bedon, 1984), e num passado bastante recente nas zonas de exploração de pedreiras, concretamente na área de Pêro Pinheiro e Montelavar, no Concelho de Sintra.



**Foto 5** Aspecto geral do entulhamento da pedreira romana, onde é bem visível o estrato composto pelo produto da escombreira.



**Foto 6** A pedreira romana de Colaride, perspectiva de Leste.



Foto 7 A pedreira romana de Colaride, perspectiva de Oeste.



Foto 8 Perspectiva final dos trabalhos efectuados na pedreira romana de Colaride.

### Fase II

A fase de utilização desta estrutura (U.E. 21) está, portanto, intimamente relacionada com a fase II da pedra, ou seja durante a ocupação do espaço coberto para afeiçoamento dos blocos recolhidos. Saliente-se que a exploração desta pedra e o uso específico desta área deverá estar relacionado com a construção dos edifícios do núcleo de *habitat* que se pressupõe existir nas proximidades.

### Fase III

A última fase corresponde ao abandono deste espaço (U.E. 20), pela verificada interrupção nos trabalhos de exploração da pedra. A suspensão da utilização desta zona específica provocou a queda da estrutura de cobertura, sobre a qual se vieram a depositar, posteriormente, vários sedimentos observáveis na composição da camada de superfície, frequentemente revolvida pelos trabalhos de lavoura efectuados em Colaride.

### 4.3. Outros casos

As circunstâncias da descoberta da pedra romana de Colaride não são, infelizmente, originais. Durante o Estudo de Impacte realizado em 1994 para construção de uma estrada entre Madrid e Saragoça foi identificada uma pedra com vestígios de extracção junto a Anchís (Calatayud, Saragoça).

São observáveis vários blocos correspondendo a diversas fases do processo de extracção, bem como exemplares já acabados. Segundo os seus investigadores (Aguilera Aragón et al., 1995), a proximidade da pedra identificada ao *Municipium Augusta Bilbilis* — cerca de 1 km, em linha recta — poderá justificar o transporte da matéria-prima ali explorada directamente para abastecer os edifícios do município romano. Análises petrológicas feitas a algumas amostras identificaram o material geológico da pedra de Anchís com elementos arquitectónicos — colunas, capitéis e lajes — existentes na praça do *Forum* em *Bilbilis*.

Não atribuímos, contudo, uma mesma funcionalidade às duas pedreiras em questão. Relativamente a Colaride, pensamos que a matéria-prima ali recolhida se destinaria ao abastecimento das construções existentes no *habitat* próximo. De facto, as dimensões — ainda que não totalmente averiguadas — parecem caracterizar uma exploração mais modesta do que a identificada em Anchís. Por outro lado, existiria uma maior distância entre Colaride e os lugares centrais da

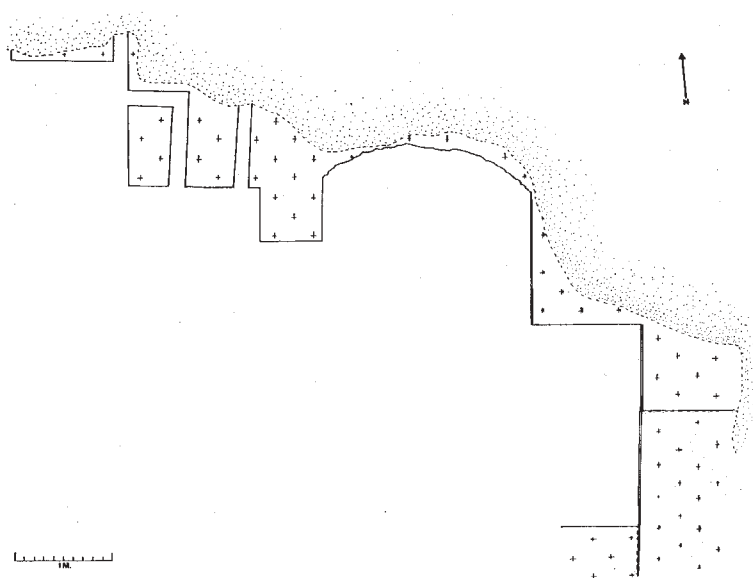


Fig. 10 Pedreira em *Bilbilis*.

administração romana nesta área. Se bem que a exploração de mármore testemunhada na Zona W do Município Olisiponense (Ribeiro, 1990) não servisse apenas para o provimento desta área específica, nomeadamente para a execução de monumentos epigráficos — cuja sobrevivência material até aos nossos dias está devidamente comprovada —, no caso concreto de Colaride atendendo a natureza não nobre da matéria explorada justificar-se-ia, uma vez mais, o consumo local da mesma.

#### 4.4. *Análise preliminar do espólio exumado*

A metodologia seguida no decorrer do presente trabalho foi definida, logo à partida, pelo conjunto de espólio seleccionado.

Foram escolhidos os bordos e fundos de cerâmica comum que pensamos serem mais significativos para ilustrar o conjunto material exumado durante a intervenção arqueológica. No que diz respeito aos fragmentos de ânforas e às produções de *sigillata* foram considerados todos os exemplares recolhidos.

Relativamente aos metais que figuram neste estudo, apresentam-se pelo facto de, por um lado, poderem ter a ver com a exploração da matéria-prima calcária e, por outro, por constituir um elemento de adorno característico da época cronológica associada aos materiais estudados

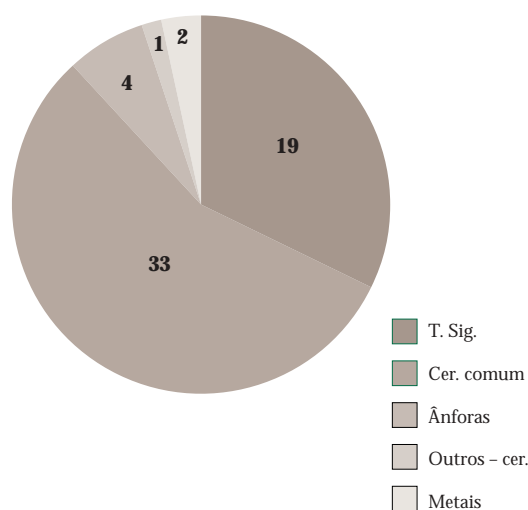
Assim, expomos apenas uma primeira amostragem do conjunto artefactual de Colaride.

Intimamente relacionada com a selecção efectuada dos materiais a estudar esteve, claro está, a definição prévia de quais as unidades estratigráficas “produtoras” desse espólio e, conseqüentemente, quais as estruturas que lhe estavam associadas. Assim, foram consideradas, para além das camadas de entulhamento da pedreira romana, os níveis de ocupação e abandono do telheiro, bem como a unidade estratigráfica associada à carapaça de pedras da escombreira da pedreira que cobria a fossa elíptica.

##### 4.4.1. *O conjunto de materiais seleccionado*

Perante a diversidade tipológica e morfológica do espólio recolhido, procedemos à selecção do conjunto a estudar.

Tal como referimos anteriormente, escolhemos os fragmentos cerâmicos que julgamos serem significativos para caracterizar o período de ocupação romana de Colaride, nomeadamente aqueles que estavam associados à pedreira, e estruturas afins, identificadas no decorrer da intervenção no terreno. Por outro lado, a integração de dois objectos metálicos no âmbito deste estudo justifica-se pelo seu significado contextual.



Quadro 1 Conjunto artefactual estudado

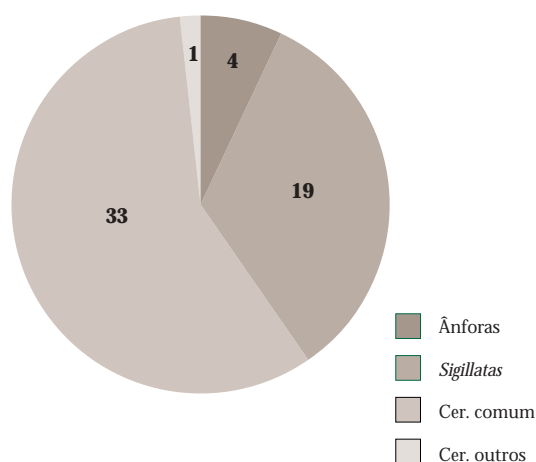
Devemos, contudo, salientar que o estado de conservação do espólio em análise é, na quase maioria dos casos, muito débil, uma vez que os restos cerâmicos se apresentam muito rolados e fragmentados. Pensamos que esta situação se justifica por três motivos, a saber: (1) o exercício da agricultura realizado nestes terrenos durante muito tempo, até pelo menos à década de 50, altura em que aqui ainda era praticada a cerealicultura; (2) a própria natureza geológica do subsolo de Colaride, cujo substrato calcário provoca a impermeabilização dos terrenos compostos, desta feita, por terras extremamente argilosas e, conseqüentemente, com uma grande concentração de humidade; (3) o facto dos materiais cerâmicos provirem de camadas de entulho/lixreira, claramente segundas deposições – na pedreira e fossa elíptica –, à excepção dos níveis de abandono e utilização do telheiro. Contudo, este último, por se situar bastante à superfície, apresenta um reduzido grau de conservação, verificando-se a mesma situação para os materiais arqueológicos que daí advêm.

#### 4.4.2. Caracterização tipológica dos fragmentos cerâmicos

Os fragmentos cerâmicos constituem o maior conjunto de materiais recolhido durante a intervenção em análise. Os estudos preliminares permitem verificar que estamos na presença de materiais atribuíveis, por um lado, a contextos pré ou proto-históricos (pela observação morfológica e tipológica dos vários fragmentos) e, por outro, a um vasto período de ocupação romana, desde os inícios do século I até à época baixo imperial.

Verificou-se em todas as sondagens intervencionadas a existência de fragmentos de cerâmica de cozinha (panelas, potes, etc.), de mesa, sem decoração, fragmentos de taças e pratos em *terra sigillata* e de cerâmica de paredes finas, vários fragmentos de bordos, bojós e asas de ânforas, bem como alguns fragmentos de *dolia*. Saliente-se, ainda, o registo constante de restos de materiais de construção como telhas, tijolos e/ou ladrilhos, fragmentos de cerâmica argamassada e pequenos pedaços de estuque.

O conjunto cerâmico seleccionado para a presente análise conta com um total de 57 registos, distribuindo-se da seguinte forma:



Quadro 2 Distribuição dos fragmentos estudados por categorias.

#### 4.4.2.1. As ânforas

O número de fragmentos proveniente de recipientes anfóricos não se reduz, claro está, unicamente a quatro exemplares. Contudo, seleccionámos apenas três bocais e um fundo porque pensámos que, numa análise prévia como esta, a simples observação da pasta de fragmentos de parede não constituiria um elemento seguro para proceder à caracterização dos fabricos, origem, etc.

As formas dos bordos obtidas a partir do desenho dos vários fragmentos proporcionaram a identificação de pelo menos três tipos de ânfora, correspondendo todos eles ao transporte de produtos vinários: vinho, *defrutum* e *Muria*. Assim, registou-se a presença de um exemplar de Dressel 1a (Classe 3 de Peacock e Williams), outro de Dressel 7-11 (Classe 16 de Peacock e Williams) e, finalmente, um atribuível à forma Haltern 70 (Classe 15 de Peacock e Williams). Contudo, estas classificações não são lineares, pois tivemos que proceder à necessária conjugação das características “forma/pasta/engobe” para alcançar os resultados descritos. As dúvidas levantadas aquando da análise das peças CCL(98)[9]1 e CCL(98)[17]1 são disso exemplo. Se para o primeiro caso a questão se resume à evidência de apenas dispormos de um fragmento do bordo — e não termos qualquer referência ao formato do corpo do recipiente correspondente — tendo, por isso, de atribuir-lhe dois tipos formalmente distintos, no segundo fragmento a causa é outra. De facto, uma análise pormenorizada do exemplar poderá questionar a sua classificação como “ânfora”, levantando a hipótese de constituir um elemento cerâmico de uma conduta. Justifica-se, então, a integração da peça em causa na categoria “ânfora” por ter sido possível obter um potencial paralelo formal/morfológico para a mesma.

Quanto ao fragmento de fundo para além das características morfológicas da pasta, pouco mais se pode definir, uma vez que o desenho realizado sugere um leque variado de formas e, por isso mesmo, será incorrecto proceder a uma classificação específica.

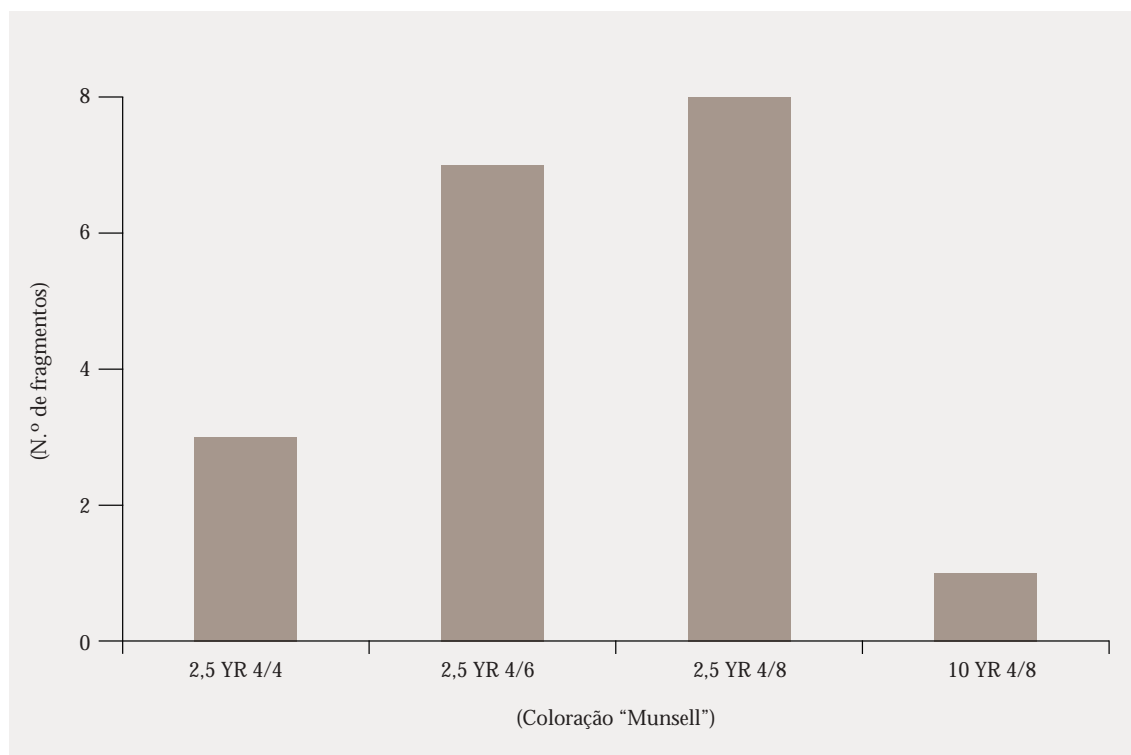
Cronologicamente, as peças estudadas apontam para períodos antigos da presença romana, situando-se em torno do século I. Não pretendemos com esta afirmação sustentar que a ocupação romana de Colaride se centra nesta época e, muito menos, tirar quaisquer ilações acerca do transporte de vinho e produtos associados durante este período específico. Pensamos, sim, que esta constitui uma amostra, uma base de trabalho, pois há que proceder à avaliação dos inúmeros fragmentos “amorfos”, aqui não considerados, para então podermos caracterizar cronológica e funcionalmente os dados que as peças analisadas nos podem suscitar. Certo é que o conjunto estudado aponta para um limite cronológico sensivelmente antigo para o início da presença romana neste local.

#### 4.4.2.2. As sigillatas

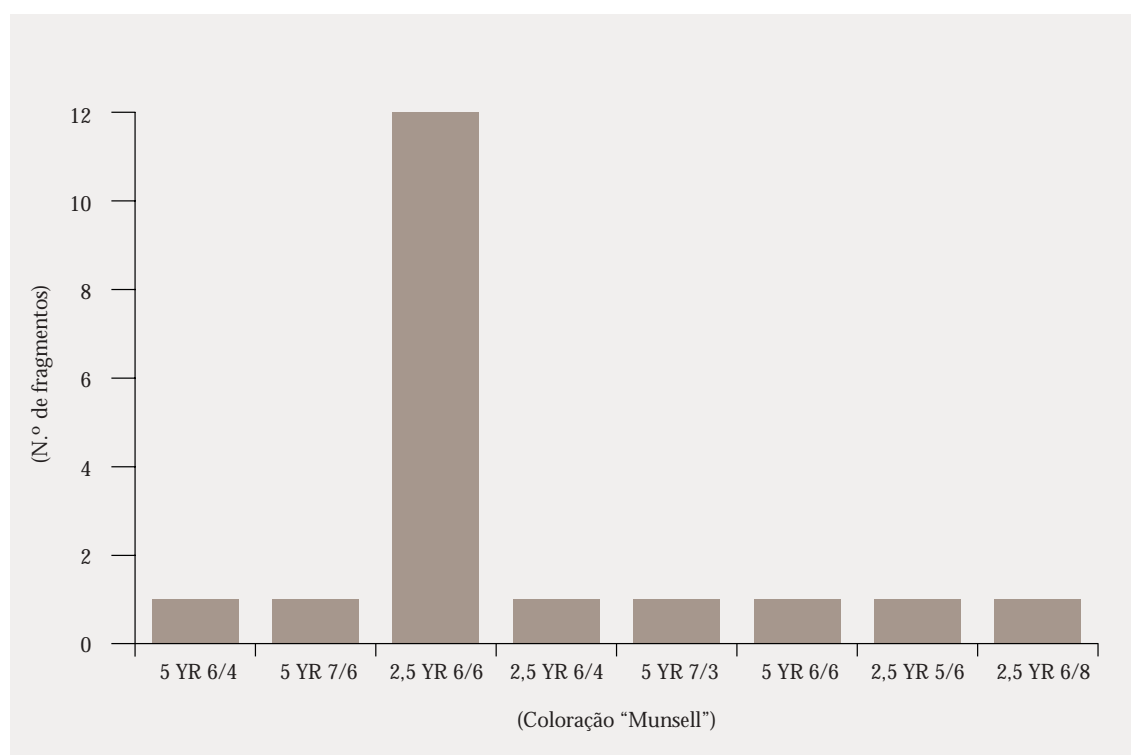
O estudo dos fragmentos de *terra sigillata* suscitou-nos grandes dúvidas, levantando inclusivamente problemas ao nível da validade dos resultados obtidos. O estado fragmentário e rolado de alguns dos exemplares tornou impossível a classificação formal dos mesmos. Ainda assim, realizámos os desenhos correspondentes às “peças” recolhidas. Por outro lado, a análise das pastas foi, claramente, amadora, ou seja, efectuou-se pela simples observação macroscópica das características morfológicas específicas para cada exemplar.

Assim, a classificação das *sigillatas* relativamente ao seu fabrico resultou do cruzamento possível entre as características da pasta e a forma obtida através do desenho do fragmento. Há pois, que ter em linha de conta a grande margem de erro que tal método implica.





Quadro 3 Distribuição dos fragmentos / cor do verniz das superfícies.



Quadro 4 Distribuição dos fragmentos face à coloração da pasta.

O conjunto estudado permitiu-nos elaborar diversos gráficos relativamente à incidência do número de fragmentos a determinada coloração de pasta, bem com da coloração dos vernizes que cobrem as superfícies das peças.

Merece especial destaque o facto de 87,5% dos fragmentos atribuídos a produções hispânicas apresentarem uma coloração rosada com bastantes componentes não plásticos brancos, característica sempre evidenciada para as produções de Andújar. Seria, no entanto, muito prematuro fazer uma afirmação como a que aqui parece estar sugerida. Tal como apontámos para as ânforas, esta pode ser uma hipótese de trabalho a desenvolver futuramente através do estudo pormenorizado de todo o conjunto material recolhido em Colaride.

Assim, pelos dados acima expostos e recorrendo ao catálogo das peças, podemos lançar a hipótese de existir um predomínio dos fabricos hispânicos em detrimento de outros.

Mais complicada e até arriscada é a tarefa de tentar atribuir cronologias precisas ao conjunto de *sigillatas* aqui analisado. Pelos fabricos estimados verificamos que se se confirmar a existência de uma produção itálica, esta remeterá para um limite anterior temporal em torno do século I. Por outro lado, as produções hispânicas formalmente identificadas apontam para produções dos séculos I e II. Existem, ainda, dois exemplos – CCL(98)[21] 29 e CCL(98)[20]1 – que parecem indiciar datações que atingem o século III.

Assim, poderíamos avançar que este lote cerâmico diagnostica uma ocupação romana para Colaride pelo menos nos primeiros três séculos do primeiro milénio.

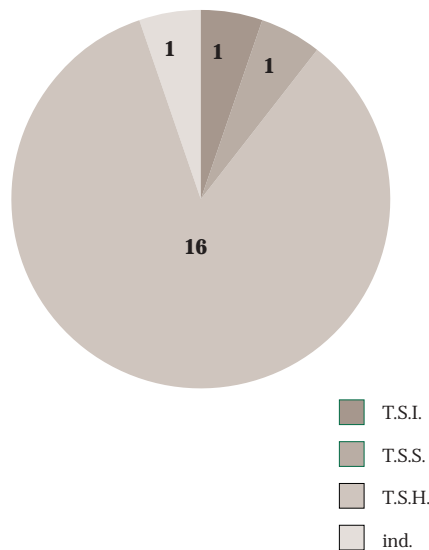
#### 4.4.2.3. A cerâmica de uso comum

O conjunto de fragmentos cerâmicos designado como “de uso comum” constitui, sem dúvida, a maior parcela dos materiais estudados.

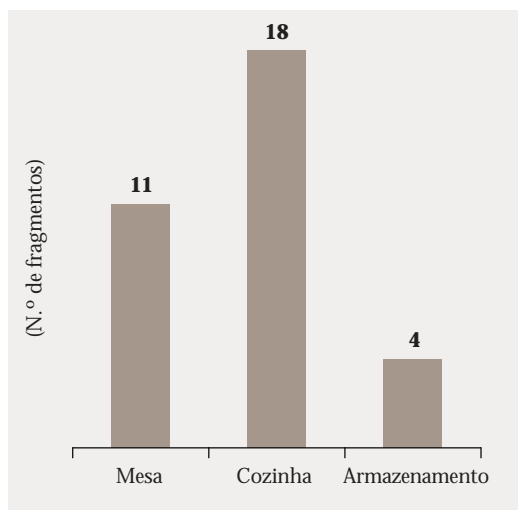
No entanto, para além da descrição da tipologia e morfologia das pastas e da tentativa de caracterizar funcionalmente cada recipiente, raramente conseguimos estabelecer outro tipo de resultados.

Estabelecendo a dispersão funcional das tipologias obtidas para os 33 fragmentos atribuídos a esta categoria, obtemos:

**Quadro 6** Distribuição da cerâmica de uso comum quanto à funcionalidade.



**Quadro 5** Distribuição dos fragmentos de *sigillata* por fabrico.



Verificamos que, pelo facto do espólio em análise ter sido recolhido em contextos de lixeira e abandono, a grande maioria dos fragmentos pertencem a recipientes utilizados na confecção e/ou armazenamento de alimentos. Por vezes, dada a fragmentação dos exemplares estudados torna-se muito difícil destrinçar entre a função de cocção ou de armazenamento. Quando efectuámos essa diferenciação socorremo-nos a características formais específicas ou, simplesmente, pela presença de sinais de fogo sobretudo nas superfícies externas das peças.

Por outro lado, a perenidade das várias formas ao longo de todo o período cronológico relacionado com a ocupação romana do actual território português dificulta a eventual datação desses mesmos materiais. A eficácia funcional dos recipientes de uso quotidiano gera uma monotonia evolutiva das várias tipologias adoptadas, sendo por isso muito difícil fixar cronologias precisas para estes fragmentos.

Outra característica que merece ser destacada é a porosidade e extrema facilidade com que se desfaz a grande maioria das pastas dos recipientes de cerâmica de uso comum. Pensamos que, de acordo com a frase “*O forno romano de Santo André de Almoçageme — e apesar da sua planta — cozeria, sem qualquer dúvida, telhas curvas e tijolos. (...) a afirmar a nossa convicção na elevada probabilidade de aí se terem cozido várias formas de cerâmica comum*” (Ribeiro, 1990, p. 2-3), se pode levantar a hipótese de existir uma produção local/regional deste tipo de materiais, uma vez que foi já registada noutros sítios arqueológicos da designada “Zona W do Município Olisiponense” a presença de fragmentos com as mesmas características morfológicas.

#### 4.4.2.4. Outros materiais cerâmicos: os pondera

Se até aqui temos vindo a destacar alguns problemas inerentes ao estudo dos materiais inclusos nas categorias anteriores, no caso específico dos *pondera* a situação reveste-se ainda de maior complexidade. De facto, “*la première difficulté réside dans la rareté des études concernant ce matériel.*” (Alarcão e Etienne, 1975b, p. 54)

Tal como propõem os autores das *Fouilles de Conimbriga* é necessário estabelecer critérios descritivos para a classificação dos pesos de tear, no sentido de se iniciar uma tentativa de normalização que permita uma observação mais pormenorizada deste tipo de materiais.

O exemplar recolhido no interior da pedreira de Colaride apresenta uma forma paralelepípedica e secção rectangular, com apenas uma perfuração cilíndrica. Integramo-lo, pois, no Grupo I da tipologia estabelecida nas *Fouilles de Conimbriga* (Alarcão e Etienne, 1975b, p. 55): “*les pesons en forme de parallélépipède, section rectangulaire*”. O segundo critério utilizado é o peso da peça. Ora, no caso vertente o seu peso totaliza as 257,3 g e de acordo com as classes estabelecidas para o espólio de Conímbriga este exemplar está fora dos valores médios, constituindo-se assim como um dos exemplos mais leves, cujo limite são as 170 g. Relativamente às características da pasta podemos inserir o peso em estudo no Grupo 7 da monografia luso-francesa.

Finalmente, atribuir uma cronologia a este tipo de peças torna-se bastante arriscado, uma vez que existindo poucos trabalhos acerca das mesmas, só se poderão tirar ilações a partir da estratigrafia do sítio ou por paralelos de exemplares recolhidos em estações arqueológicas coevas. Assim, as datações aplicadas em Conímbriga para estes materiais giram em torno dos séculos I e II. Poderíamos aceitar uma hipótese semelhante para a peça de Colaride, uma vez que viria ao encontro das cronologias que temos vindo a estabelecer por hipótese para as outras realidades materiais. Contudo, pensamos que este tipo de espólio, à semelhança da cerâmica de uso

comum, deverá ter tido uma grande longevidade formal, apenas evoluindo de acordo com o tipo de tear e matérias-primas utilizadas para a confecção dos tecidos.

Podemos, ainda, concluir que a presença de *pondera* constitui, por si só, um testemunho da existência da prática da tecelagem, através de um tear vertical, durante o período de ocupação romana desta estação arqueológica.

#### 4.4.3. Os metais

Por se encontrarem associados às unidades estratigráficas pré-definidas como “produtores” do conjunto de materiais a analisar para o presente estudo, destacamos a identificação de um pequeno elemento em cobre decorado pertencente a um objecto de adorno pessoal (Est. 2: 6) e dois fragmentos de um grampo em ferro recolhido no interior da pedreira (Est. 2: 8). Por se localizar mesmo sobre a rocha este vestígio poderá estar relacionado com a própria extracção de matéria-prima.

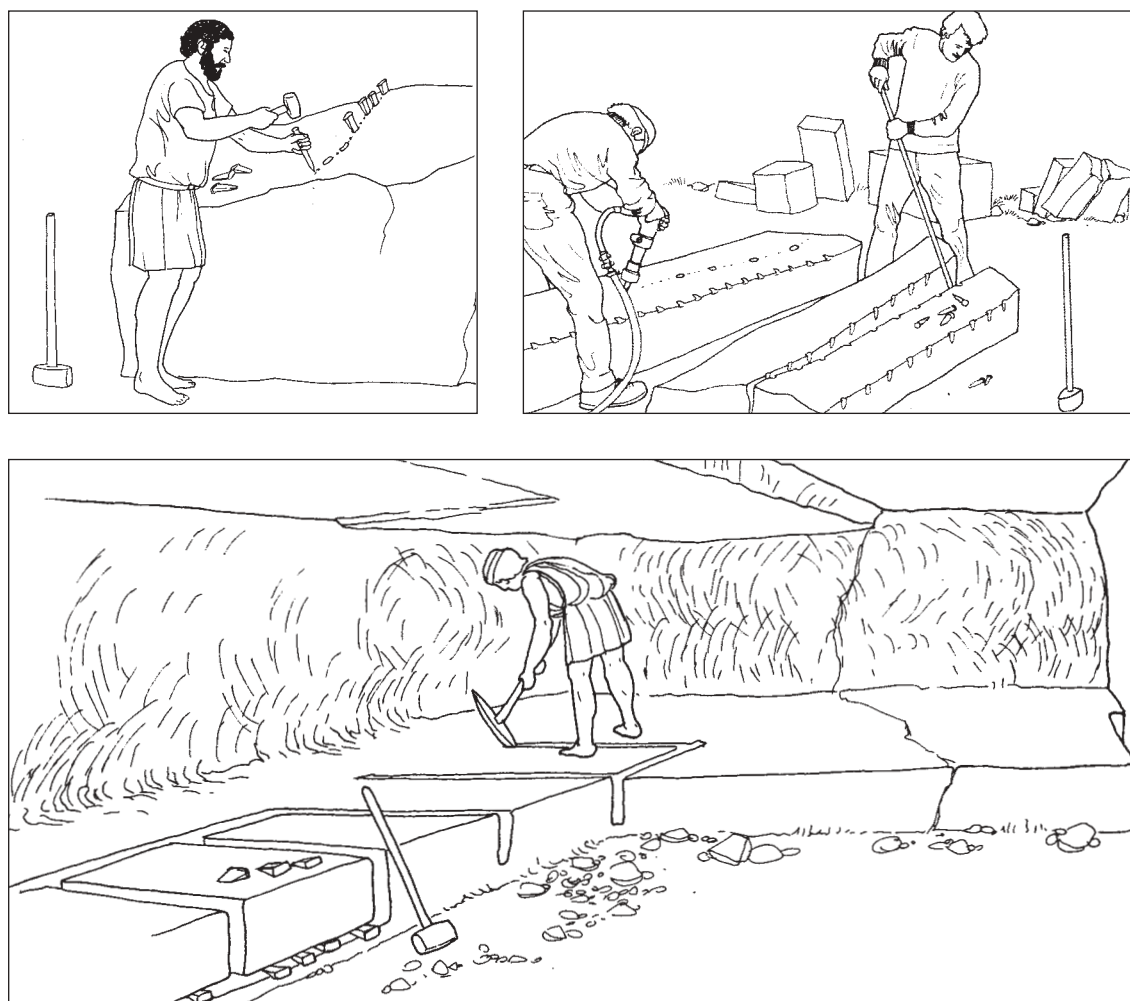


Fig. 11 Exemplos de exploração de pedreiras romanas e contemporâneas, segundo Adam, 1984, p. 29, 33.

Começamos pelo elemento de fibula recolhido no contexto da escombreira, como aliás grande parte dos materiais em estudo. Trata-se de um exemplar que se encontra fracturado na sua extremidade distal, ou seja na área onde se desenrolaria o anel para desenvolvimento do espigão. Foi algo difícil encontrar paralelos exactos para o caso em análise. Contudo, podemos observar alguns modelos eventualmente equiparáveis no conjunto de espólio idêntico recolhido em Conímbriga (Alarcão e Etienne, 1975b, p. 109-126), nomeadamente na prancha XXVII – n.º 48, muito embora com características tipológicas bem diferenciadas ao nível da amplitude do arco. Os autores classificam-nas como modelos de “charneira e arco triangular” precedendo as fíbulas “tipo Aucissa”. Datam esses modelos em torno do século I a. C., mas na sua maioria os exemplares foram recolhidos em ambientes das remodelações “trajanas”. Relativamente ao fragmento recolhido em Colaride seria muito audacioso avançar com qualquer hipótese cronológica dado as dúvidas que ainda temos em relação à sua classificação tipológica.

Quanto ao grampo de ferro podemos estabelecer, desde já, a evidência deste tipo de peças ocorrerem com bastante frequência nos sítios arqueológicos com *habitats* romanos, e posteriores. Assim, a sua presença em Colaride não é de todo original.

Trata-se de uma peça que se encontra fracturada numa das dobras apresentando, por outro lado uma das extremidades ligeiramente dobrada para o exterior. Como acontece noutros casos semelhantes regista uma secção rectangular e uma configuração em “U”. Este tipo de artefactos encontra-se geralmente associado aos vigamentos dos telhados, nomeadamente à sustentação dos barrote aplicados na horizontal que suportam o peso dos madeiramentos verticais. Exemplos destes ocorrem em Conímbriga (Alarcão e Etienne, 1975b, pl. VII, n.º 96). A proximidade do núcleo de *habitat* do Sítio de Colaride, bem como a utilização da pedra como lixeira, atestaria a presença deste tipo de material neste contexto.

No entanto, os grampos de ferro poderão estar igualmente associados à junção simples de dois elementos de madeira. Uma vez que o grampo em análise foi recolhido no interior da pedra, no interface da camada de entulho e as terras margosas imediatamente sobrepostas à rocha de base, podemos pensar na sua utilização deste artefacto aplicada às técnicas para a extracção da matéria-prima calcária propriamente dita.

Finalmente, quaisquer atribuições cronológicas para esta peça seriam abusivas e sem sentido, visto que se registam em todos os contextos habitacionais que empreguem as mesmas técnicas de madeiramento dos telhados.

#### 4.4.4. Síntese dos resultados

Que conclusões podemos obter a partir do estudo efectuado? Concretamente muito poucas. A análise elaborada ao conjunto de espólio seleccionado levantou, sobretudo, algumas hipóteses de trabalho futuro. Há, pois, que estudar a totalidade das realidades materiais recolhidas em Colaride para se poder elaborar uma caracterização cronológica quer do espólio, quer do sítio arqueológico propriamente dito.

Contudo, gostaríamos de destacar as seguintes ideias consequentes do presente trabalho:

- A análise dos materiais arqueológicos escolhidos para o presente trabalho produziu uma série de dados estatísticos cuja validade apenas é verdadeira para esse mesmo conjunto. Ou seja, o alargamento do espectro do espólio estudado poderá por em causa os dados obtidos através da amostra aqui representada.

- As hipóteses levantadas a nível das atribuições cronológicas para as diferentes peças estudadas enfermam, muitas vezes, pela verificada fragmentação dos exemplares e, por outras, pela incapacidade em se obter paralelos para as mesmas.
- Face ao ponto anterior, poderíamos afirmar que a cronologia antiga atestada para alguns materiais nos colocaria perante um núcleo de povoamento romano relativamente precoce, nomeadamente, se tivermos em consideração, a comum designação *uilla* para este local.
- No entanto, este limite precoce, em torno do século I a.C., para a presença romana em Colaride poderá justificar-se pela existência de povoados atribuídos à Idade do Ferro nas áreas circundantes.
- Os materiais estudados provêm, na sua maioria, das camadas de entulho registadas na pedreira romana. Poderíamos, por isso, apontar uma dicotomia para a utilização desta estrutura durante o período de ocupação romana de Colaride. Por um lado, fornece material de construção ao núcleo habitacional que se terá desenvolvido nas imediações e que, à partida, constitui a razão de ser da sua existência. Por outro, serve de receptáculo dos entulhos domésticos quotidianos produzidos por esse mesmo *habitat*.

## 5. Conclusão

A primeira grande conclusão a retirar dos trabalhos efectuados reside no facto de ter sido posta a descoberto uma realidade deveras importante e raramente conhecida no panorama arqueológico nacional – pedreira romana e respectivo telheiro de exploração.

De facto, como referiu Jorge de Alarcão “são praticamente inexistentes os vestígios arqueológicos de pedreiras romanas em Portugal” (Alarcão, 1988, p. 135). A importantíssima pedreira romana da Herdade da Vigária, em Vila Viçosa, na qual permanecia um bloco com um baixo-relevo inacabado representando uma divindade de cariz aquático, foi completamente destruída por trabalhos de exploração de mármore, levados a cabo na década de 70. Por outro lado, as galerias romanas de arenitos existentes na Freguesia das Lapas, em Torres Novas, descobertas e estudadas por Fernando Real, constituem um tipo bem diverso de pedreira, de exploração subterrânea (Real, 1997, p. 77-82).

Torna-se, assim, obrigatório referir a feliz opção pelo desvio do traçado da conduta de gás natural na área da fossa elíptica, pedreira romana e telheiro. A única realidade estrutural sacrificada foi, portanto, a canalização, totalmente levantada para a passagem da tubagem.

Devemos salientar que a escolha desta zona alternativa para implantação das condutas de gás resultou da análise pormenorizada do terreno. Foi, por isso, assinalada esta área mais limítrofe, onde a dispersão de materiais arqueológicos à superfície era menor, visando a minimização do impacto a realizar.

A verdade é que, por se tratar de uma zona mais destacada da área onde julgamos estar localizado o núcleo de *habitat*, as realidades postas a descoberto, nomeadamente a pedreira e o telheiro, revelaram que de facto se tratava de um espaço de trabalho, claramente distinto do recinto habitacional.

Por isso mesmo, levanta-se à partida a hipótese da exploração da pedreira estar ligada à necessidade de matéria-prima para a construção dos edifícios do núcleo de *habitat* próximo.

Através dos materiais arqueológicos exumados, podemos apontar para uma exploração da pedreira entre os séculos I-III, época durante a qual, também, se verificou o seu entulhamento.



Foto 9 Processo de selagem da pedra romana de Colaride para salvaguarda e protecção do monumento arqueológico.

Relacionada, directamente, com a exploração da pedra estaria a construção e usufruto da estrutura de telheiro identificada nas suas imediações observando-se, assim, um ciclo contínuo do trabalho dos blocos de calcários obtidos. Normalmente existem telheiros nos limites das pedreiras romanas, destinados à instalação de oficinas de talhe – situação verificada frequentemente na Gália (Bedon, 1984).

Por outro lado, a especificidade da fossa elipsoidal identificada revelou-se numa grande incógnita. Sabemos que o seu entulhamento se procedeu numa época anterior aos restantes despejos efectuados na pedra contígua. Contudo, é visível que parte do produto da escombreira da referida pedra se encontrava espalhado sobre toda a área da sondagem, como que a selar as realidades antecedentes. Qual a sua verdadeira funcionalidade? Qual a sua cronologia, quem a concebeu? Estas são, apenas, algumas das questões para as quais ainda não é possível encontrar respostas fiáveis.

Dada a fragilidade e o carácter excepcional das estruturas conservadas – fossa, pedra e telheiro – procedeu-se à selagem individual das mesmas. Os 36 m<sup>2</sup> escavados nas áreas da fossa elíptica e da pedra romana foram integralmente forrados com rede sombra a 75%, coberta posterior e consequentemente com areia de rio, junto das arestas mais vivas destas estruturas, e gravilha.

Quanto ao espaço do telheiro efectuou-se uma cobertura simples com areia amarela deixada no terreno pelas empresas responsáveis pela implantação das infra-estruturas do gás, uma vez que dada a precariedade dos vestígios – estruturas negativas dos postes do telheiro operadas na rocha demasiado branda e friável –, estes já apresentavam um acelerado estado de degradação não sendo possível proceder a qualquer musealização.

De acordo com os dados acima referidos, pensamos que o sítio arqueológico de Colaride se destaca pela sua singularidade no panorama arqueológico nacional. De futuro será essencial gerar as condições necessárias que permitam a investigação e a musealização desta pedra ímpar, pela informação e conhecimento que poderá fornecer à Arqueologia Portuguesa e ao Património Cultural Português.

## Catálogo

### CCL(98)[0]1

Cerâmica de uso comum – armazenamento, grande pote. Asa de rolo. Superfície externa alisada de cor castanha (5 YR 4/6 - yellowish red); superfície interna alisada de cor castanha (5 YR 4/6 - yellowish red); esp. da parede - 1,2 cm; esp. da asa - 2,7 cm. Apresenta uma pasta grosseira de coloração castanha avermelhada (5 YR 5/6 - yellowish red) com bastantes desengordurantes grossos, médios e finos de diversa natureza. [Est. 5: 7]

### CCL(98)[0]2

*Terra sigillata* hispânica. Bordo. Superfície interna com verniz espesso vermelho escuro (2,5 YR 4/4 - reddish brown); diâm. bordo - 8,2 cm.; esp. máx. bordo - 0,5 cm; vestígios de *guilloché* na superfície externa. Apresenta uma pasta fina e esponjosa, de coloração rosa alaranjada (2,5 YR 6/6 - light red), com componentes não plásticos de grão fino. Não conseguimos obter paralelos tipológicos para o fragmento aqui descrito. [Est. 1: 4]

### CCL(98)[0]9

*Terra sigillata* sudgálica (?). Fundo anelar. Superfície interna com verniz espesso vermelho escuro (2,5 YR 4/6 - red); superfície externa com verniz espesso vermelho escuro (2,5 YR 4/6 - red); esp. do pé anelar: 0,8 cm. Apresenta uma pasta fina, de coloração creme acinzentada (5 YR 7/3 - pink; 5 YR 6/2 - pinkish gray) com componentes não plásticos de grão muito fino, quase invisíveis a olho nu. Dada a dimensão reduzida do fragmento não foi possível proceder à sua classificação tipológica. [Est. 1: 14]

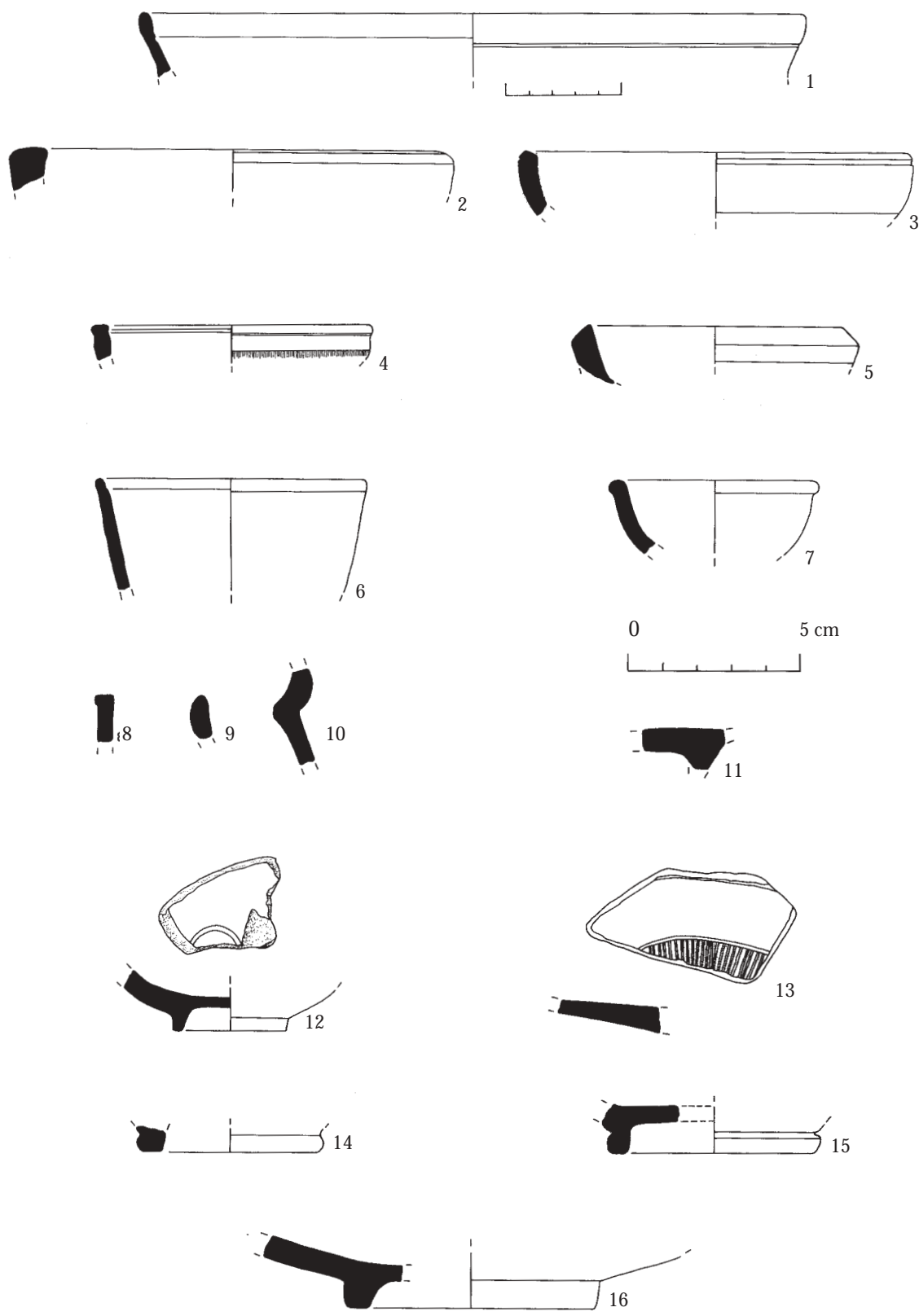
### CCL(98)[9]1

Ânfora Dressel 1 a. Bordo. Superfície interna com vestígios de engobe de cor creme (7.5 YR 8/4 - pink); superfície externa com vestígios de engobe de cor creme (7.5 YR 8/4 - pink); diâm. bordo - 14,4 cm.; esp. máx. bordo - 2,3 cm. Apresenta uma pasta compacta, mas porosa, de coloração alaranjada (5 YR 6/6 - reddish yellow) com componentes não plásticos de grão fino. Saliente-se a presença, a olho nu, de areias negras características destas produções. Constitui um exemplo de produções habitualmente datadas da 2<sup>a</sup> metade do Século II a.C. a meados do Século I d. C.; Apenas existe conservado um fragmento do bordo. A forma obtida no desenho desta peça leva-nos a classificá-la como pertencendo à Classe 3 de Peacock e Williams (1986, p. 86-88). No entanto, de acordo com a tipologia indicada por Beltrán Lloris (1990, Fig. 114, n.º 976) a forma tendencialmente triangular do bordo poderia indicar um exemplar de Lamboglia 2. [Est. 2: 2]

### CCL(98)[9]11

Cerâmica de uso comum – cozinha, grande recipiente. Fundo 'bolacha'. Superfície interna alisada de cor laranja acastanhada (5 YR 5/6 - yellowish red); superfície externa alisada de cor laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow); diâm. do fundo - 19,6 cm; esp. fundo - 1,2 cm; esp. parede - 1,0 cm. Apresenta uma pasta muito porosa, de cor laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow), com desengordurantes médios e finos. [Est.5: 10]





Estampa 1

**CCL(98)[11]1**

*Terra sigillata* itálica - Goudineau 19 (?). Bordo. Superfície interna com verniz espesso vermelho escuro (2,5 YR 4/8 - red); superfície externa com verniz espesso vermelho escuro (2,5 YR 4/8 - red), diâm. bordo - 7,2 cm; esp. bordo - 0,7 cm. Apresenta uma pasta dura com componentes não plásticos finos de cor negra. A sua coloração é creme (5 YR 6/4 - light brown); Atribuiu-se-lhe uma cronologia balizada entre o século I a.C. - I d.C. Foi registado uma forma semelhante à aqui descrita na intervenção efectuada no Antic Portal de la Magdalena (Pérez Almoguera, 1990, p. 43, fig. 9, n.º 93), identificada pelos autores como pertencendo à tipologia de Goudineau 19. Semelhantes parecem ser, também, os exemplares nº 61 e 64 de Conímbriga (Alarcão e Etienne, 1975a, pl. IV), muito embora este último exiba um elemento decorativo. [Est. 1: 5]

**CCL(98)[11]2**

Cerâmica de uso comum-cozinha, pote. Bordo esvertido externamente. Superfície interna alisada castanha escura (10 YR 3/3 - dark brown); superfície externa alisada castanha escura (10 YR 3/3 - dark brown); diâm. do bordo - 13,0 cm; esp. bordo 1,75 cm; esp. parede - 0,8 cm. Apresenta uma pasta castanha (5 YR 7/8 - reddish yellow) com desengordurantes finos. Superfícies externa e interna queimadas ao nível do bordo. [Est. 4: 3]

**CCL(98)[11]3**

Cerâmica de uso comum - cozinha, fechada, pote. Bordo esvertido externamente. Superfície interna alisada castanha (7,5 YR 5/4 - brown); superfície externa alisada castanha (7,5 YR 5/4 - brown); diâm. do bordo - 17,0 cm; esp. bordo 1,2 cm; esp. parede - 0,8 cm. Apresenta uma pasta castanha (5 YR 7/8 - reddish yellow) e núcleo negro (10 YR 3/2 - very dark grayish brown) com desengordurantes brancos muito abundantes. Superfícies externa e interna queimadas ao nível do bordo. [Est. 4: 2]

**CCL(98)[11]4**

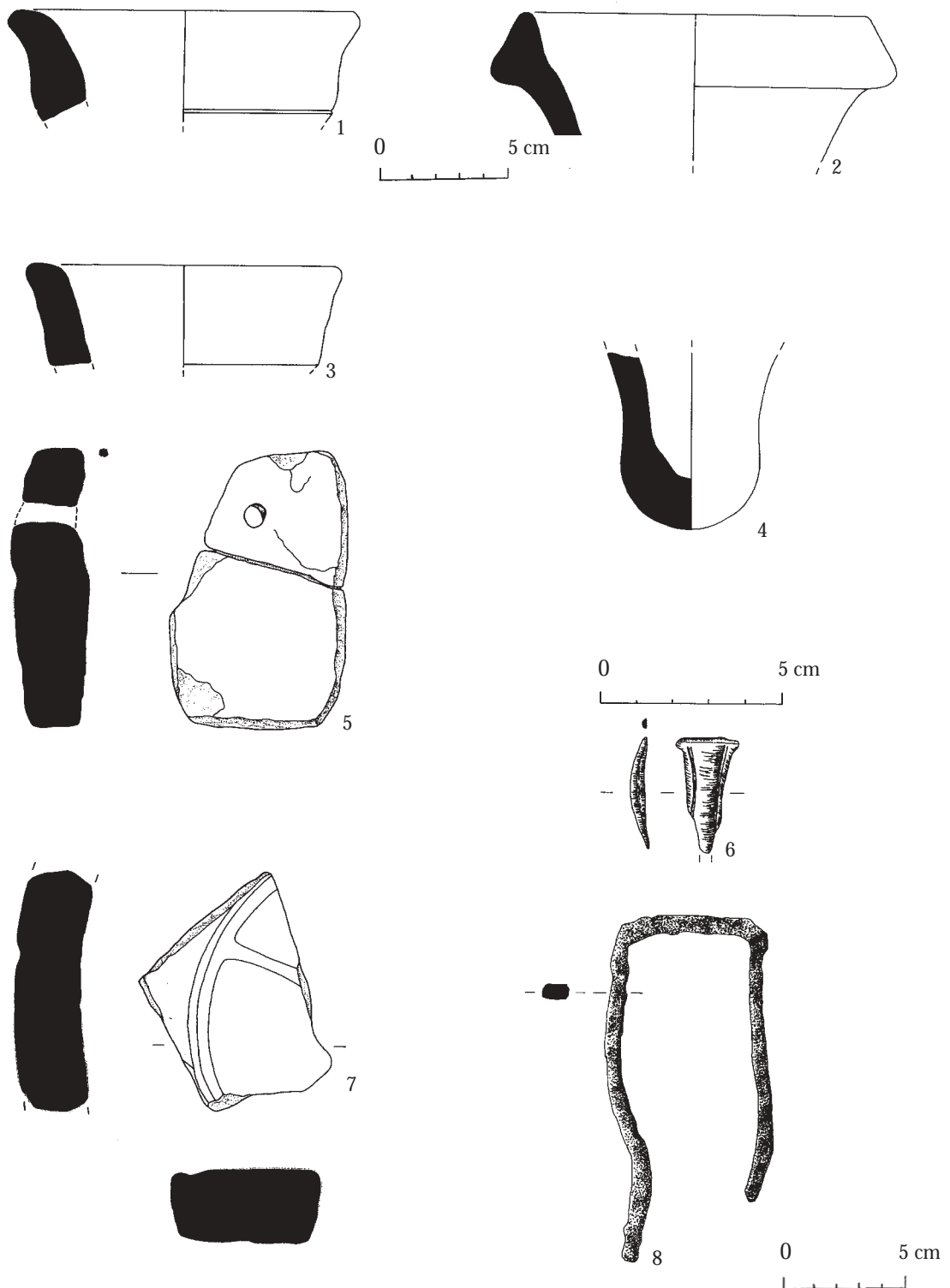
Cerâmica de uso comum - cozinha, tigela (?). Bordo em aba plana. Superfície interna alisada castanha (5 YR 4/6 - yellowish red); superfície externa alisada castanha (5 YR 4/6 - yellowish red); diâm. do bordo - 30,2 cm; esp. bordo 2,9 cm; esp. parede - 0,9 cm. Apresenta uma pasta castanha (5 YR 7/8 - reddish yellow) com desengordurantes brancos muito abundantes; Superfícies externa e interna queimadas. [Est. 4: 9]

**CCL(98)[12]1**

Cerâmica de uso comum - mesa, prato. Bordo plano com ligeiro sulco. Superfície interna alisada laranja (5 YR 7/8 - reddish yellow); superfície externa alisada laranja (5 YR 7/8 - reddish yellow); diâm. do bordo - 16,2 cm; esp. bordo 0,75 cm; esp. parede - 0,4 cm. Apresenta uma pasta dura laranja (5 YR 7/8 - reddish yellow) com desengordurantes muito finos. [Est. 3: 3]

**CCL(98)[12]2**

Cerâmica de uso comum - mesa, taça. Bordo direito e paredes troncocónicas. Superfície interna alisada de cor cinzenta clara (10 YR 6/2 - light brownish gray); superfície externa alisada de cor cinzenta clara (10 YR 6/2 - light brownish gray); diâm. do bordo - 18,4 cm; esp. bordo - 0,55 cm; esp. parede - 0,55 cm. Apresenta uma pasta dura mas porosa de coloração acinzentada (10 YR 6/2 - light brownish gray). [Est. 3: 5]



Estampa 2

**CCL(98)[15]1**

Cerâmica de uso comum – cozinha, pote (?). Bordo. Superfície interna, s/ vestígios de engobe, de cor laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow); superfície externa, s/ vestígios de engobe, de cor laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow); diâm. do bordo - 24,2 cm; esp. bordo - ;1,5 cm. Apresenta uma pasta muito fina e porosa (largando um pó muito fino ao tacto) de cor laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow) com desgordurantes médios e finos bastante visíveis a olho nu. Dada a reduzida dimensão deste fragmento não é possível averiguar a forma exacta do recipiente a que pertenceria. No entanto, a pasta é idêntica às identificadas noutros sítios arqueológicos com ocupação romana registados na área de Sintra. [Est. 4: 4]

**CCL(98)[15]2**

Ânfora. Fundo. Superfície interna alisada de cor rosada (2,5 YR 6/6 - light red); superfície externa alisada de cor rosada (2,5 YR 6/6 - light red); esp. - 1,2 cm. Apresenta uma pasta rosada esponjosa, libertando um pó fino ao tacto ( 2,5 YR 6/6 - light red), com componentes não plásticos médios e finos brancos. Dada a fragmentação deste exemplar não foi possível atribuir-lhe um tipologia exacta. [Est. 2: 4]

**CCL(98)[15]3**

Cerâmica de uso comum - cozinha/armazenamento. Asa. Superfície interna rugosa de cor laranja (5 YR 6/6 - reddish yellow); superfície externa rugosa de cor laranja (5 YR 6/6 - reddish yellow); esp. parede 0,6cm; esp. asa - 2,2 cm. Apresenta uma pasta esponjosa com bastantes desgordurantes, de cor laranja ( 5 YR 6/6 - reddish yellow). [Est. 5: 2]

**CCL(98)[15]4**

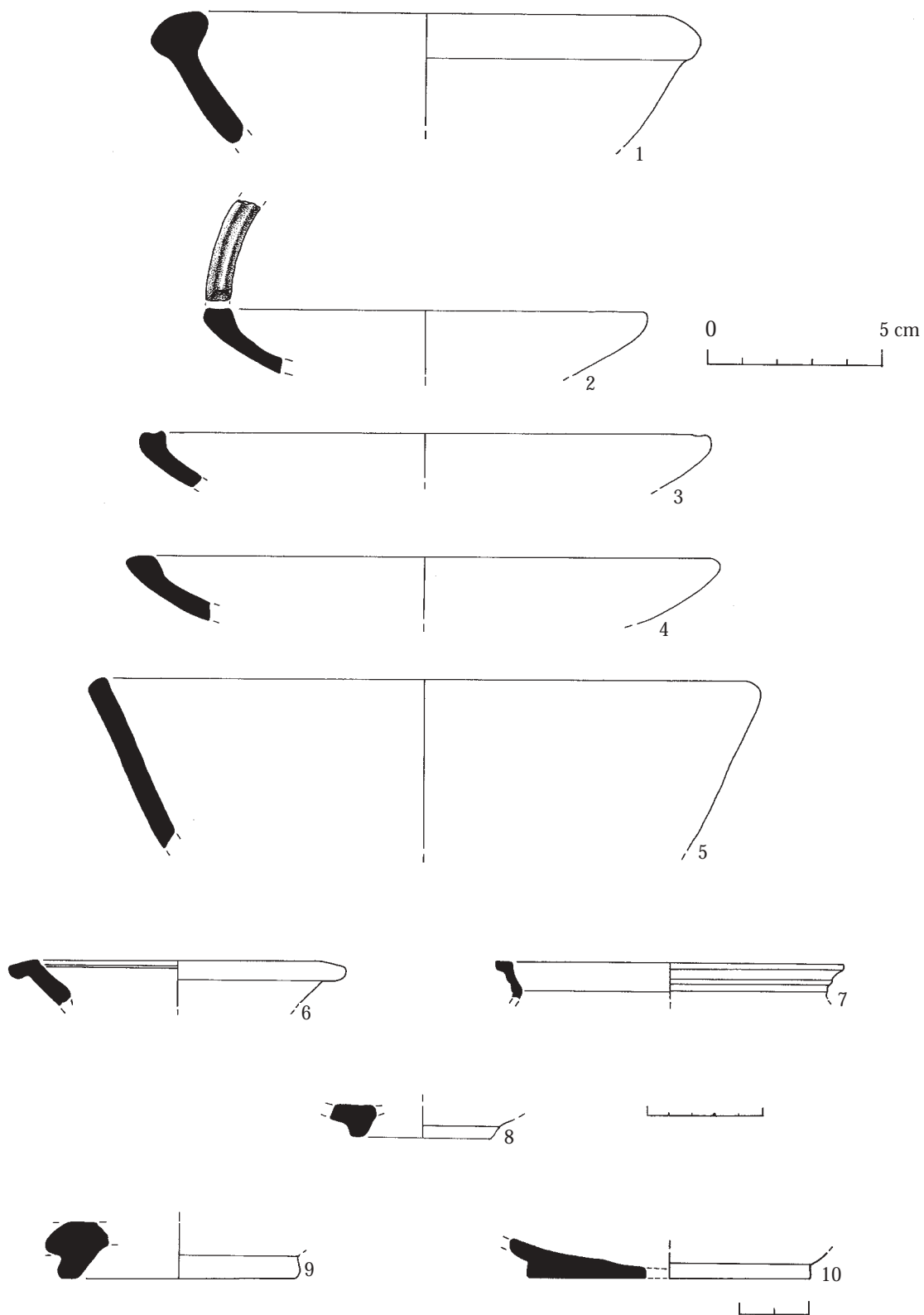
Cerâmica de uso comum – mesa, prato. Bordo plano com leve espessamento interno. Superfície interna, sem vestígios de engobe, de cor laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow); superfície externa, sem vestígios de engobe, de cor laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow); diâm. do bordo - 16,6 cm; esp. bordo - 0,9 cm; esp. parede - 0,55 cm. Apresenta uma pasta fina e porosa (larga pó ao tacto) com desgordurantes finos, de coloração laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow). [Est. 3: 4]

**CCL(98)[15]5**

*Terra sigillata* hispânica - Ritterling 8. Bordo. Superfície interna com verniz vermelho escuro (2,5 YR 4/4 - reddish brown); superfície externa com verniz vermelho escuro (2,5 YR 4/4 - reddish brown); diâm do bordo - 6,2 cm; esp. bordo - 0,55 cm; esp. parede - 0,5 cm. Apresenta uma pasta fina e porosa laranja rosada (2,5 YR 6/6 - light red) com componentes não plásticos brancos finos. Cronologia balizada entre os século I e II. Semelhante à forma Ritterling 8 de Osuna, ilustrada por Mezquiriz (1961, vol. 2). [Est. 1: 7]

**CCL(98)[15]9**

Cerâmica de uso comum - cozinha(?).Fundo plano. Superfície interna alisada castanha 7,5 YR 6/4 - light brown); superfície externa alisada castanho acinzentada (10 YR 5/2 - grayish brown); diâm. do fundo - 8,2 cm; esp. fundo - 0,45 cm; esp. da parede - 0,6 cm. Exibe três linhas concêntricas na superfície externa do fundo Apresenta uma pasta fina, levemente xistosa, de cor castanha alaranjada (5 YR 5/6 - yellowish red), com desgordurantes finos. [Est. 5: 4]



Estampa 3

**CCL(98)[15]170**

Cerâmica de uso comum - cozinha/armazenamento, panela/pote. Bordo. Superfície interna alisada laranja (5 YR 6/6 - reddish yellow); superfície externa rugosa castanha (5 YR 3/2 - dark reddish brown); diâm. do bordo - 18,4 cm; esp. bordo - 0,7 cm; esp. parede - 0,9 cm. Apresenta uma pasta grosseira laranja (5 YR 5/8 - yellowish red) com bastantes desengordurantes médios e finos brancos. Superfície externa e bordo queimados. [Est. 4: 6]

**CCL(98)[15]12**

Cerâmica de uso comum - cozinha/armazenamento. Fundo plano. Superfície interna rugosa castanha (7,5 YR 4/4 - dark brown); superfície externa rugosa castanha (7,5 YR 4/4 - dark brown); diâm. do fundo - 22,8 cm.; esp. fundo - 1,15 cm.; esp. parede - 1,55 cm. Apresenta uma pasta grosseira com bastantes desengordurantes médios e finos, sobretudo brancos, de coloração castanha (5 YR 4/4 - reddish brown) As superfícies externa e interna estão queimadas. [Est. 5: 9]

**CCL(98)[15]13**

Cerâmica de uso comum - cozinha, panela. Fundo plano. Superfície interna rugosa laranja escura (5 YR 5/6 - yellowish red); superfície externa rugosa castanha escura (10 YR 4/3 - dark brown); diâm. do fundo - 19,2 cm; esp. fundo - 1,1 cm; esp. parede - 1,1 cm. Apresenta uma pasta grosseira com bastantes desengordurantes brancos, médios e finos, de coloração castanha escura (5 YR 3/4 - dark reddish brown) com vestígios de fogo na superfície externa. [Est. 5: 8]

**CCL(98)[15]15**

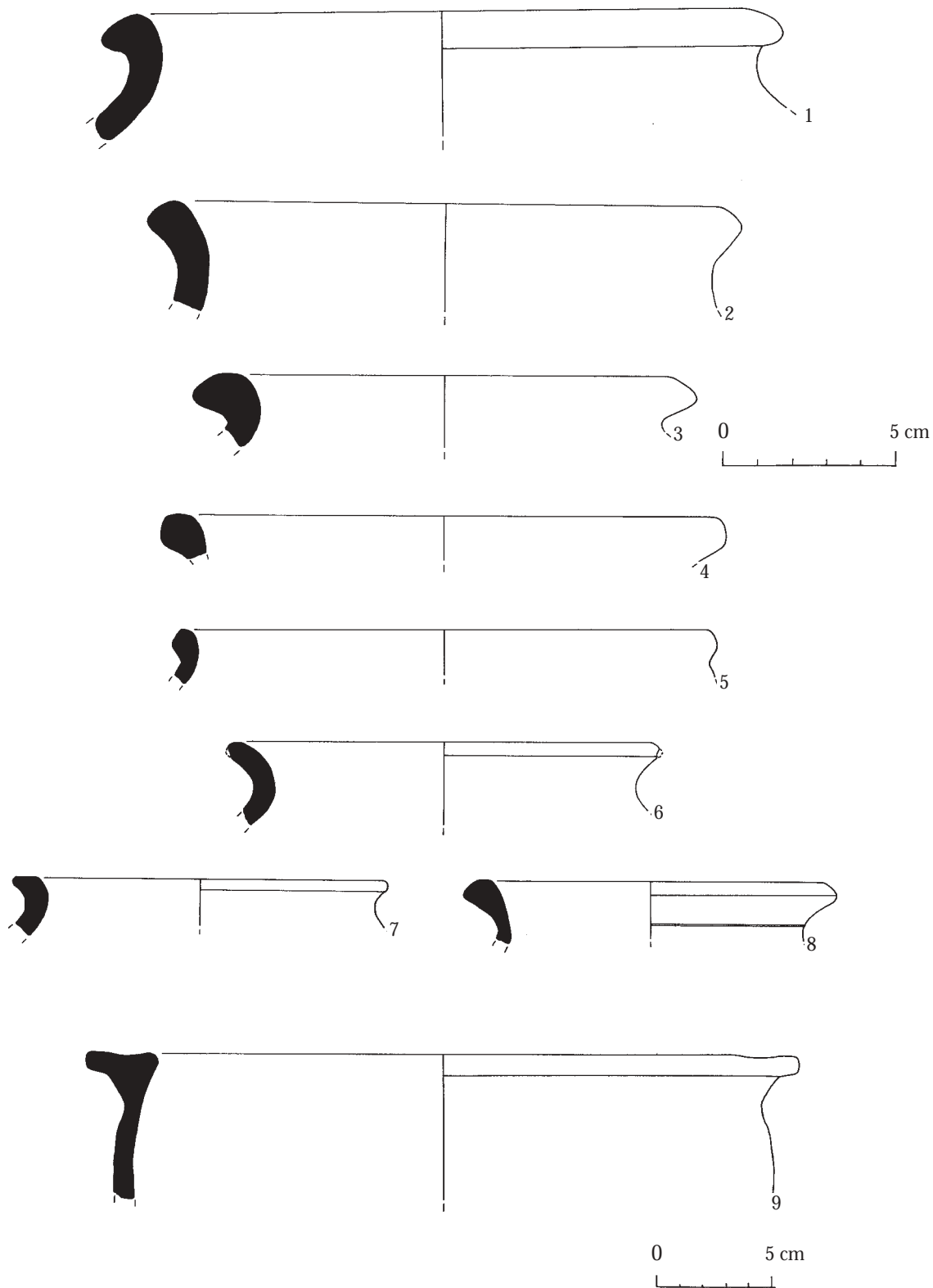
Cerâmica de uso comum - cozinha/armazenamento, panela/pote. Bordo espessado e esvertido externamente. Superfície interna alisada laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow); superfície externa alisada laranja (5 YR 7/8 - reddish yellow); diâm de bordo - 17,2 cm; esp. bordo - 1,65 cm; esp. parede 0,75 cm. Apresenta uma pasta bastante porosa com desengordurantes finos, coloração laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow). [Est. 4: 1]

**CCL(98)[15]16**

Fíbula; Fragmento da fíbula sem espigão; esp. 0,2 cm. Apresenta dois sulcos longitudinais junto às extremidades e um sulco horizontal na área mais larga. Matéria-prima: cobre. [Est. 2: 6]

**CCL(98)[17]1**

Ânfora. Haltern 70 (?) Bordo. Superfície interna com vestígios de engobe de cor creme (7.5 YR 7/4 - pink); superfície externa com vestígios de engobe de cor creme (7.5 YR 7/4 - pink); diâm. bordo - 12,8 cm.; esp. máx. bordo - 1,5 cm. Apresenta uma pasta compacta com componentes não plásticos médios e finos, bastante visíveis a olho nu, nomeadamente brancos. A sua coloração é acastanhada (10 YR 5/4 - yellowish brown) apresentando, ainda, um núcleo laranja (5 YR 5/8 - yellowish red). Datada de meados do século I a.C. - meados do século I d. C. De acordo com o desenho obtido a partir do fragmento disponível podemos classificar esta peça como pertencendo à Classe 15 de Peacock e Williams (1986, p. 115-116). No entanto, uma observação mais apurada deste fragmento poderá indicar não um contentor, mas o elemento cerâmico de uma conduta ou elemento de canalização. Eventualmente a comprovar esta hipótese estaria a heterogeneidade da coloração da pasta. [Est. 2: 3].



Estampa 4

**CCL(98)[17]2**

Cerâmica de uso comum – mesa, prato. Bordo com sulco. Superfície interna alisada de cor laranja (5 YR 6/6 - reddish yellow); superfície externa alisada de cor laranja (5 YR 6/6 - reddish yellow); diâm. do bordo - 12,6 cm; esp. bordo - 0,75 cm; esp. parede - 0,4 cm. Apresenta uma pasta xistosa com duas colorações distintas (5 YR 6/6 - reddish yellow / 5 YR 5/4 - reddish brown), com desengordurantes finos micáceos. [Est. 3: 2]

**CCL(98)[17]3**

Cerâmica de uso comum – mesa, prato. Fundo ‘bolacha’. Superfície interna alisada creme alaranjada (7,5 YR 6/6 - reddish yellow); superfície externa alisada creme alaranjada (7,5 YR 6/6 - reddish yellow); diâm. do fundo - 8,0 cm; esp. fundo - 0,7 cm. Apresenta uma pasta fina com bastantes desengordurantes de matérias diversas, com coloração creme alaranjada (7,5 YR 6/6 - reddish yellow). [Est. 3: 10]

**CCL(98)[17]4**

*Terra sigillata* hispânica. Fundo anelar. Superfície interna com verniz vermelho escuro (2,5YR 4/6 - red); superfície externa com verniz vermelho escuro (2,5YR 4/6 - red); diâm. do fundo - 3,3 cm; esp. pé - 0,4 cm; esp. fundo - 0,2 cm, esp. parede 0,5 cm. Apresenta um arco de circunferência no fundo interno do fragmento. Apresenta uma pasta dura com componentes não plásticos muito finos, de coloração rosada (2,5 YR 6/6 - light red). Não foi possível determinar a tipologia correspondente. [Est. 1: 12]

**CCL(98)[17]5**

*Terra sigillata* hispânica Ritterling 8. Bordo. Superfície interna com verniz vermelho escuro alaranjado, brilhante (10 R 4/8 - red); superfície externa com verniz vermelho escuro alaranjado, brilhante (10 R 4/8 - red); diâm. bordo - 11,4 cm.; esp. máx. bordo - 0,5 cm. Apresenta uma pasta fina e esponjosa, de coloração rosada (2,5 YR 6/6 - red) com componentes não plásticos de grão fino. Datável dos séculos I-II, com paralelos registados em *Conimbriga*, referenciando os seus autores a existência de influências sud-gálicas neste tipo de produções. Esta produção está associada em *Conimbriga* aos níveis flavianos e trajanos. [Est. 1: 3]

**CCL(98)[17]6**

*Terra sigillata* hispânica. Bordo. Superfície interna com vestígios de verniz vermelho escuro (2,5 YR 4/6 - red); superfície externa com vestígios de verniz vermelho escuro (2,5 YR 4/6 - red); esp. do bordo - 0,5 cm. Apresenta uma pasta alaranjada com desengordurantes brancos finos. (2,5 YR 6/6 - light red) [Est. 1: 9]

**CCL(98)[17]7**

*Terra sigillata* hispânica. Bordo. Superfície interna com vestígios de verniz vermelho (2,5 YR 4/6 - red); superfície externa com vestígios de verniz vermelho (2,5 YR 4/6 - red); esp. do bordo - 0,5 cm. Apresenta uma pasta rosa alaranjada (5 YR 6/6 - reddish yellow) com desengordurantes finos e brancos. [Est. 1: 8]



**CCL(98)[17]8**

*Terra sigillata* hispânica. Fundo anelar. Superfície interna com verniz vermelho escuro (2,5 YR 4/6 - red); superfície externa com verniz vermelho escuro (2,5 YR 4/8 - red); esp. da parede do fundo - 0,6 cm. Apresenta uma pasta rosada (2,5 YR 6/8 - light red) com desengordurantes brancos finos. [Est. 1: 11]

**CCL(98)[17]9**

Cerâmica. Dois fragmentos de peso de tear. Superfícies de cor laranja (2,5 YR 6/8 - light red); Apresenta uma pasta bastante heterogénea, porosa e esponjosa, com desengordurantes médios e finos, de cor laranja (2,5 YR 6/8 - light red) Esta peça apresenta apenas uma perfuração cilíndrica. Tanto a secção como a face são tendencialmente rectangulares. [Est. 2: 5]

**CCL(98)[17]10**

Cerâmica de uso comum – cozinha. Fundo ‘bolacha’. Superfície interna alisada laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow); superfície externa alisada laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow); diâm. do fundo - 4,8 cm ; esp. fundo - 1,1; esp. parede - 0,65 cm. Apresenta uma pasta porosa que larga pó ao tacto, de cor laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow), com desengordurantes finos. [Est. 5: 5]

**CCL(98)[17]11**

Cerâmica de uso comum – cozinha, prato. Bordo espessado interna e externamente. Superfície interna rugosa laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow); superfície externa rugosa laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow); diâm. de bordo - 14,0 cm; esp. bordo - 1,7 cm; esp. parede - 0,7 cm. Apresenta uma pasta grosseira com desengordurantes médios e finos, de coloração laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow). [Est. 3: 1]

**CCL(98)[17]12**

Cerâmica. Parede. Superfície interna alisada de cor laranja (2,5 YR 6/8 -light red); superfície externa alisada de cor laranja (2,5 YR 6/8 -light red) esp. da parede - 1,7 cm. Regista um arco de circunferência com uma linha recta interna perpendicular, na superfície externa. Apresenta uma pasta grosseira de cor laranja escura (2,5 YR 6/8 light red), com desengordurantes abundantes finos. Eventualmente constitui uma marca de produção cujas origem desconhecemos. [Est. 2: 7]

**CCL(98)[17]13**

Grampo. Grampo metálico com secção rectangular; esp. 0,65 cm; matéria-prima: ferro, com pontos de oxidação. Encontra-se fracturado numa das áreas dobradas. Uma vez que esta peça foi recolhida no interior da pedreira, no interface da camada de entulho e as terras margosas imediatamente sobrepostas à rocha de base, podemos pensar na utilização deste artefacto em directa relação com a exploração da matéria-prima calcária propriamente dita. [Est. 2: 8]

**CCL(98)[20]1**

*Terra sigillata* hispânica. Bordo. Superfície interna com verniz espesso vermelho escuro (2,5 YR 4/4 - reddish brown); superfície externa com verniz espesso vermelho escuro (2,5 YR 4/4 - reddish brown). Apresenta um aspecto *cracklé*; diâm. Bordo - 12,8 cm; esp. máx. bordo - 1,0 cm. É composta por uma pasta fina e esponjosa, de coloração rosada (2,5 YR 6/4 - light reddish brown) com componentes não plásticos brancos de grão fino, visíveis a olho nu. Este fragmento poderá corresponder apenas a um fragmento de fundo anelar, no qual só ao 'anel' propriamente dito diz respeito. No entanto, ao encontrarmos paralelos, ainda que algo sensíveis apresentamos aqui esses resultados: Produção de Andújar tardia, posterior ao século II, identificada nas escavações de *Belo Claudia* (p. 222, n.º 41). [Est. 1: 2]

**CCL(98)[20]7**

*Terra sigillata* hispânica. Bojo carenado. Superfície interna com verniz espesso vermelho (2,5 YR 4/8 - red); superfície externa com verniz espesso vermelho (2,5 YR 4/8 - red); esp. da parede: 0,6 cm. Apresenta uma pasta fina e esponjosa, de coloração rosa alaranjada (2,5 YR 6/6 - light red) com componentes não plásticos brancos de grão fino, bastante visíveis a olho nu. Não foram encontrados paralelos tipológicos que nos permitissem atribuir qualquer classificação a este fragmento. [Est. 1: 10]

**CCL(98)[20]9**

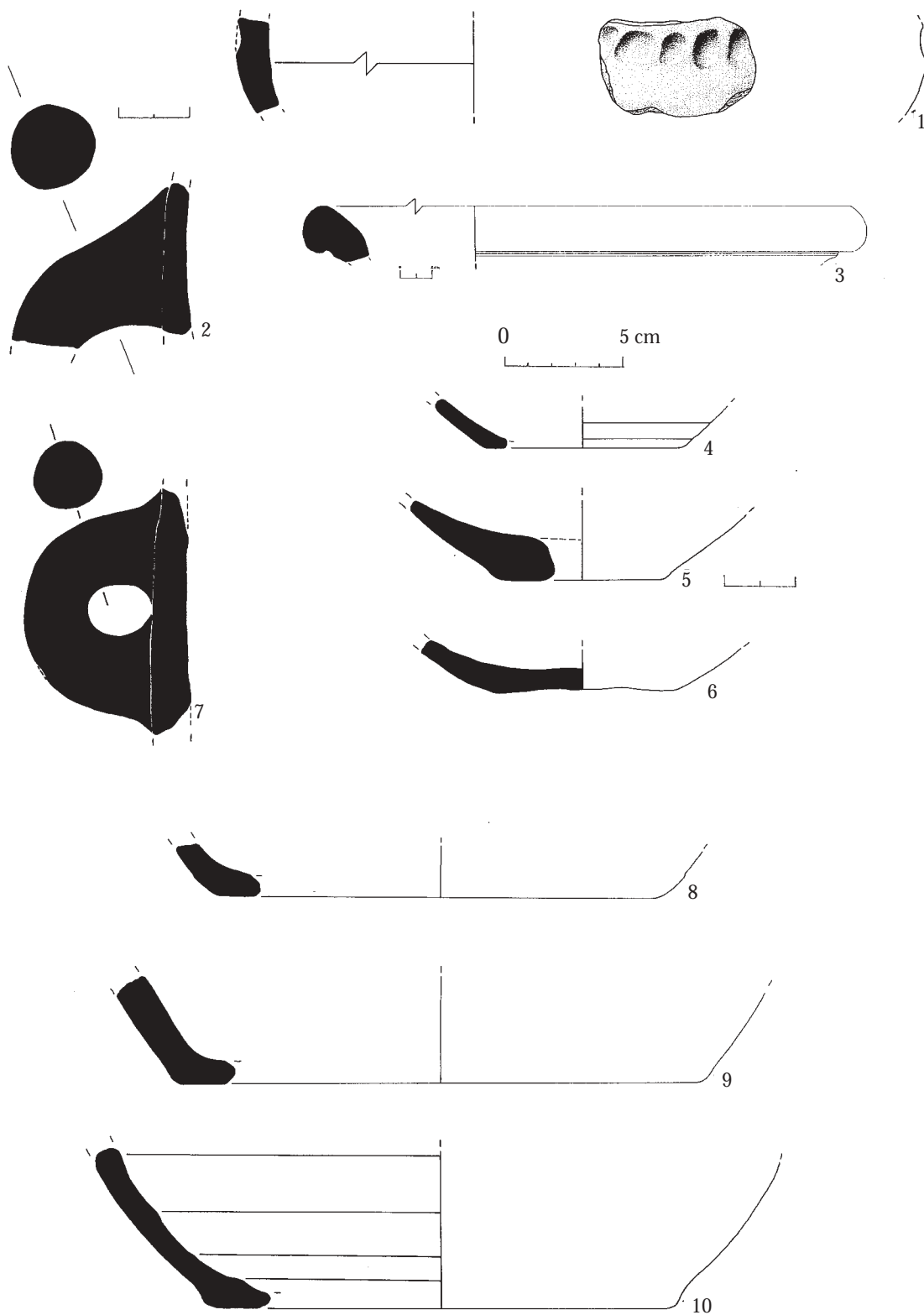
*Terra sigillata* sud-gálica (?) ou hispânica (?) - Dragendorff 15/17. Parede de fundo. Superfície interna com verniz espesso vermelho escuro (2,5 YR 4/6 - red); superfície externa com verniz espesso vermelho escuro (2,5 YR 4/6 - red); esp. da parede: 0,6 cm. arco de circunferência com decoração a '*guilhoché*'. É composto por uma pasta fina e esponjosa, de coloração rosa amarelada (5 YR 7/6 - reddish yellow) com bastantes componentes não plásticos brancos de grão fino, visíveis a olho nu. [Est. 1: 13]

**CCL(98)[20]10**

*Terra sigillata* hispânica. Fundo anelar. Superfície interna sem vestígios de verniz vermelho (2,5 YR 4/8 - red); diâm. do fundo - 5,8 cm; esp. fundo - 0,6 cm. Apresenta uma pasta rosada porosa com componentes não plásticos finos e brancos (2,5 YR 6/6 - light red). Não foi possível determinar qual a forma correspondente ao fragmento em estudo. [Est. 1: 15]

**CCL(98)[20]11**

Cerâmica de uso comum – cozinha, prato. Bordo engrossado externamente. Superfície interna alisada, sem engobe, de cor castanha (5 YR 4/6 - yellowish red); superfície externa alisada, sem engobe, de cor castanha (5 YR 4/6 - yellowish red); diâm. do bordo - 46,5 cm; esp. bordo - 2,8 cm; esp. parede - 1,8 cm. Apresenta uma pasta bastante grosseira e heterogénea, com grande concentração de desengordurantes de grão grosso, médio e fino de diversas matérias. A sua coloração é castanha (5 YR 4/6 - yellowish red). Enquadrável nos séculos I a. C. - I d. C.. Este fragmento assemelha-se à peça designada por Beltrán Lloris (1990, Fig. 99, n.º 911) como "prato de bordo engrossado" identificado em *Nouaesium*. Geralmente é atribuída uma cronologia de época augustana para este tipo de produções. Funcionalmente destinar-se-ia levar alimentos ao fogo ou, apenas, para os colocar após a cocção. [Est. 5: 3]



Estampa 5

**CCL(98)[20]13**

*Terra sigillata* hispânica. Fundo anelar. Superfície interna com verniz vermelho escuro (2,5 YR 4/8 - red); superfície externa com verniz vermelho escuro (2,5 YR 4/6 - red); diâm. do fundo - 7,2 cm; esp. fundo - 0,7 cm; esp. parede - 0,6 cm; Apresenta uma pasta dura, mas esponjosa, de coloração alaranjada (2,5 YR 6/6 - light red), com componentes não plásticos finos e brancos. Não foi possível determinar a forma a que pertenceria este fragmento. [Est. 1: 16]

**CCL(98)[20]22**

Cerâmica de uso comum - cozinha fechada, pote. Bordo recto esvertido. Superfície interna, sem vestígios de engobe, castanha muito escura (10YR 3/1 - very dark gray); superfície externa, sem vestígios de engobe, castanha muito escura (10YR 3/1 - very dark gray); diâm. bordo - 16 cm; esp. bordo - 1,2 cm; esp. paredes - 0,9 cm. É composta por uma pasta grosseira com bastantes desengordurantes médios, com uma coloração castanha escura (10YR3/2 - very dark grayish brown). Apresenta vestígios de fogo em ambas as superfícies. [Est. 4: 7]

**CCL(98)[20]28**

Ânfora. Dressel 7-11 (?). Bordo. Superfície interna sem vestígios de engobe; superfície externa sem vestígios de engobe; diâm. bordo - 14 cm.; esp. máx. bordo - 2,2 cm. É composta por uma pasta bastante depurada. Apresenta uma coloração rosada (7.5 YR 7/6 - reddish yellow), componentes não plásticos muito finos, praticamente invisíveis a olho nu. Ao tacto liberta um pó muito fino. Atribuível aos séculos I a. C. - I d.C. Este exemplar, analisando o bordo e a pasta parece indicar um forma semelhante à Classe 16 (Peacock e Williams, 1986, p. 117-119). As características morfológicas e de textura da pasta indiciam uma certa afinidade com as produções béticas. Sendo esta uma produção identificada nos fornos de Algeciras, podemos estar de facto na presença de um fragmento deste tipo. [Est. 2: 1]

**CCL(98)[20]35**

Cerâmica de uso comum - mesa, taça. Bordo em aba. Superfície interna, sem engobe, castanha alaranjada (5 YR 5/6 - yellowish red); superfície externa com vestígios de engobe castanho (7,5 YR 4/2 - dark brown) sobre laranja (7,5 YR 6/6 - reddish yellow); diâm. bordo - 11,8 cm.; esp. máx. bordo - 1,3 cm; esp. parede - 0,7 cm. Apresenta uma pasta dura de coloração acastanhada (10 YR 6/4 - light yellowish brown) com desengordurantes micáceos de grão fino. [Est. 3: 6]

**CCL(98)[21]4**

Cerâmica de uso comum - mesa, taça. Fundo anelar. Superfície interna alisada castanha escura (10 YR 3/3 - very dark grayish brown); superfície externa alisada castanha escura (10 YR 3/3 - very dark grayish brown); diâm. do fundo - 6,0 cm; esp. fundo - 0,6 cm; esp. parede - 0,6 cm.. Apresenta uma pasta com muitos desengordurantes finos e médios, com coloração castanha alaranjada ( 5 YR 5/6 - yellowish brown). [Est. 3: 8]

**CCL(98)[21]6**

Cerâmica de uso comum - cozinha/armazenamento, pote. Bordo levemente esvertido. Superfície interna, sem vestígios de engobe, de cor laranja (5 YR 7/8 - reddish yellow); superfície externa, sem vestígios de engobe, de cor laranja (5 YR 7/8 - reddish yellow); diâm. do bordo - 22,6 cm; esp. bordo - 1,2 cm, esp. parede - 0,5 cm. Apresenta uma pasta muito porosa e fina de cor laranja (5 YR 7/8 - reddish yellow). As superfícies deste fragmento desfazem-se em pó ao contacto com as mãos. [Est. 4: 5]

**CCL (98)[21]11**

Cerâmica de uso comum - mesa, taça/prato. Fundo e paredes divergentes. Superfície interna muito desgastada creme alaranjada (7,5 YR 7/6 - reddish yellow), superfície externa muito desgastada creme alaranjada (7,5 YR 7/6 - reddish yellow); diâm. do fundo - 7,8 cm; esp. fundo - 0,9 cm; esp. parede - 0,5 cm. Apresenta uma pasta muito esponjosa e fina com desengordurantes finos e médios visíveis a olho nu. Coloração heterogénea: creme rosada (5 YR 6/6 - reddish yellow) e creme acinzentada (10 YR 6/3 - pale brown). [Est. 5: 6]

**CCL(98)[21]18**

Cerâmica de uso comum - mesa, taça. Bordo plano em aba. Superfície interna alisada, sem vestígios de engobe, de cor laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow); superfície externa alisada, sem vestígios de engobe, de cor laranja (5 YR 6/8 - reddish yellow); diâm. do bordo -; esp. bordo - 0,8 cm; esp. parede - 0,3 cm. Apresenta uma pasta de cor alaranjada (5 YR 6/8 - reddish yellow). [Est. 3: 7]

**CCL(98)[21]21**

Cerâmica de uso comum - armazenamento, pequena talha. Parede. Superfície interna, sem engobe, laranja avermelhada (2,5 YR 4/8 - red); superfície externa, sem engobe, laranja avermelhada (2,5 YR 4/8 - red); esp. da parede - 1,4 cm. Regista digitações aplicadas na superfície externa do fragmento. Apresenta uma pasta grosseira com bastantes desengordurantes grossos, médios e finos, com um coloração heterogénea, núcleo castanho escuro (5 YR 3/2 - dark reddish brown), e laranja escuro (2,5 YR 4/8 - red). [Est. 5: 1]

**CCL(98)[21]23**

Cerâmica de uso comum - cozinha, pote. Bordo espessado externamente. Superfície interna com engobe espesso laranja escuro e ligeiramente baço (5 YR 5/4 - reddish brown); superfície externa com engobe espesso laranja escuro e ligeiramente baço (5 YR 5/6 - yellowish red); diâm. do bordo - 14,6 cm; esp. bordo - 1,4 cm; esp. parede - 0,5 cm. Apresenta uma pasta muito dura de coloração creme acinzentada (10 YR 5/3 - brown), com desengordurantes finos e médios. Este fragmento é composto por uma pasta de grande dureza e qualidade, distinta das pastas laranjas finas e porosas da maioria dos fragmentos recolhidos. [Est. 4: 8]

**CCL(98)[21]2**

Cerâmica de uso comum - mesa, taça. Fundo anelar. Superfície interna engobada e alisada castanha escura (10 YR 4/2 - dark grayish brown); superfície externa engobada e alisada castanha escura (10 YR 3/2 - very dark grayish brown); diâm. do fundo - 9,8 cm; esp. do fundo - 0,9 cm. Apresenta uma pasta muito grosseira e dura de cor castanha (10 YR 5/4 - yellowish brown), com bastantes desengordurantes finos e médios. [Est. 3: 9]

**CCL(98)[21]28**

*Terra sigillata* hispânica. Bordo. Superfície interna com verniz espesso vermelho alaranjado (2,5 YR 4/8 - red); superfície externa com verniz espesso vermelho alaranjado (2,5 YR 4/8 - red); diâm. do bordo - 28,6 cm.; esp. máx. bordo - 0,6 cm. Apresenta uma pasta fina e esponjosa, de coloração rosada (2,5 YR 6/8 - light red) com bastantes componentes não plásticos brancos de grão fino, visíveis a olho nu. [Est. 1: 1]

**CCL(98)[21]29**

*Terra sigillata* hispânica - Dragendorff 33. Bordo. Superfície interna com verniz espesso vermelho alaranjado (2,5 YR 4/8 - red); superfície externa com verniz espesso vermelho alaranjado (2,5 YR 4/8 - red); diâm. bordo - 11,6 cm.; esp. máx. bordo - 0,4 cm. Apresenta uma pasta fina e esponjosa, de coloração rosa alaranjada (2,5 YR 6/6 - light red) com componentes não plásticos brancos de grão fino, visíveis a olho nu. Datável do século II - parte do século III. Paralelos registados em Conímbriga (nº 301). [Est. 1: 6]

## NOTAS

<sup>1</sup> Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas e investigadora do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ)

\* Agradece-se a colaboração de Ana Isabel Neves na execução dos desenhos dos materiais arqueológicos exumados.

## BIBLIOGRAFIA

- 1898 - *Gazeta de Sintra*, ano 9, nº 1677.
- 1968 - Uma gruta em Colaride (Aigualva-Cacém). *O Arqueólogo Português*, Lisboa. p. 191-192.
- 1983 - Caçadores-Recolectores do Paleolítico: os primeiros habitantes de Aigualva-Cacém. *Aqua Alba*. Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Aigualva-Cacém, p. 1-2.
- ADAM, J.-P. (1984) - *La construction romaine: matériaux et techniques*. Paris: Picard.
- AGUILERA ARAGÓN, I.; CISNEROS CUNCHILLOS, M.; GIBERT AGUILAR, J. (1995) - Anchís (Calatayud, Zaragoza): una cantera de Bilbilis. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 22, p. 165-179.
- ALARCÃO, J. de; ETIENNE, R., eds. (1975a) - *Fouilles de Conimbriga*. Vol. VII. Paris: Diffusion du Bocard.
- ALARCÃO, J. de; ETIENNE, R., eds. (1975b) - *Fouilles de Conimbriga*. Vol. IV. Paris: Diffusion du Bocard.
- ALARCÃO, J. de (1988) - *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins: Edições Europa-América.
- BEDON, R. (1984) - *Les carrières et les carriers de la Gaule romaine*. Paris: Picard.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1990) - *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Libros Pórtico.
- BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991) - *Belo VI. Les Sigillées*. Collection de la Casa de Velázquez, Archéologie. Madrid: Diffusion du Bocard.
- COFFYN, A. (1983) - La fin de l'Age du Bronze dans le Centre-Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série. 1, p. 169-196.
- FONTES, J. (1916) - Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes. *O Archeologo Português*. Lisboa. 21, p. 337-342.
- HARRIS, E. C. (1991) - *Principios de estratigrafia arqueológica*. Barcelona: Editorial Critica.
- MARTINI, R. (2001) - *Caesar Augvstvs. Collezione Veronelli di monete di bronzo: catalogo critico. Monetazione dell'epoca tardo-repubblicana, emissioni della riforma della zecca di Roma, coniazioni ufficiali occidentali ed orientali, serie provinciali, produzioni para-monetalis (falsificazioni coeve(?)) — tessere numerali trionfali — nvmi plvmbi — nvmi interpolati — monete incuse, monete postume a nome del Divus Augustus*. Milano: Edizioni ennerre S.r.l. (Glaux Serie Speciale; 2).

- MEZQUIRIZ, M.<sup>a</sup> A. (1961) - *Terra sigillata hispánica*. 2 vols. Valencia: The William L. Bryant Foundation.
- MORGADO, A. (1967) - A Gruta de Colaride. *Jornal de Sintra*. Sintra. N.º 1745 (10.09.67), p. 1-2.
- PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. (1986) - *Amphorae and The Roman Economy*. London-New York: Longman.
- PÉREZ ALMOGUERA, A. (1990) - *La "terra sigillata" de l'Antic Portal de la Magdalena*. Lleida: Ayuntamiento.
- REAL, F. (1997) - A mineração romana: exploração de minerais não metálicos. In *Portugal Romano: A Exploração dos Recursos Naturais*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 77-82.
- RIBEIRO, C. (1880) - *Estudos pré-históricos em Portugal. Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos*. Lisboa: Typographia Académica, p. 73-74.
- RIBEIRO, J. C. (1990) - "A Zona W do Município Olisiponense". *Jornal de Sintra* (27.10.89 - 23.3.90).
- VARGAS, J. M. (1984) - A Gruta de Colaride. *Aqua Alba*. Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Agualva-Cacém, n.º 9, p. 1.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1898) - Novidades arqueológicas. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*. Lisboa. 3.<sup>a</sup> série. 8:3-4, p. 36-37.

